

Habitar sem barreiras:
adaptação de um
apartamento pequeno
para pessoas
cadeirantes

Lucas Matias Rocha
Universidade
Federal de
Uberlândia

AP ÁTRIA



FICHA TÉCNICA

Trabalho de Conclusão de Curso
de graduação em Design pela
Universidade Federal de Uberlândia.

Autor: Lucas Matias Rocha.

Orientador: Prof. Dr. Gabriela Pereira Carneiro.

Uberlândia, Minas Gerais.
2025

AGRADECIMENTOS

À ACADEMIA

O escritório

Ana, Bruna, Thay, Amanda e Bia, por me mostrarem que a vida adulta pode ser leve.

Minha chefe

Letícia Maria, que acreditou em mim como profissional muito antes da hora.

Os professores

Por me guiarem nesse caminho.

Meus colegas

Todos da turma 16 que tornaram os últimos 4 anos tão especiais.

A banca

Prof. Dr. Juscelino Machado, por contribuir tanto na minha formação;
e *Vitória Oliveira*, por aceitar participar com tanta gentileza.

Minhas colegas orientandas

Gabriela, Nayara, Luana e Ludmila, por dividirem as dores da jornada comigo.

Minha Orientadora

Gabriela Pereira, por ser a melhor no que faz, e me proibir de desistir.

AOS MEUS AMIGOS

Os que estão distante

Chris, Du, Sate, Keven, Dan, Baks, Luiz Daniel, Marllon, Nathe, Rafe, Teteu, Thallys, Tutu e Vic, pelos melhores momentos de descontração.

Os que cresceram comigo

Amanda, Camille, Ingrid, Mariana, Rezende, Barbosa, Samuel, Valen, Gustavo, Vitor Hugo, Pepe, Corsini, Eduardo e Giovana, por tornarem meu amadurecimento mais leve.

Os que convivem comigo

André, Ana Clara, Couto, GG e Luiz, estou aqui por causa de vocês.

À MINHA FAMÍLIA

Meu namorado

*Matheus Kfour*i, que apesar de recente na minha vida, já foi promovido a esta coluna.

Meus primos

Hugo, Débora, Isabela e Mateus, por serem, na verdade, meus irmãos.

Meus tios

Roberta, Rita e Júnior, por me proporcionarem o amor de um filho.

Meus pais

Flávia e Claudiné, que nunca, em nenhum momento e por nenhuma decisão, deixaram de me apoiar.

Meus avós

Amilton e Oneida, e ao amor infinito que sinto por vocês.

*“HABITAÇÕES PRECISAM DE UM
CORAÇÃO QUE PULSE COM AMOR, PARA
QUE TODOS OS TIPOS DE
CÉLULAS POSSAM CIRCULAR”*

RESUMO

PTBR

Este trabalho apresenta o desenvolvimento de um projeto de interiores para um apartamento de aproximadamente 70 m², adaptado para uma pessoa usuária de cadeira de rodas. A pesquisa busca compreender a relação entre o corpo do cadeirante e o espaço doméstico, considerando aspectos de acessibilidade, autonomia e sensação de pertencimento. Foram realizadas análises de referências projetuais, entrevistas com usuários e aplicação de métodos de design centrado no usuário, como o Double Diamond, a fim de embasar decisões projetuais. O resultado é uma proposta que busca unir funcionalidade e conforto, promovendo um ambiente que respeite as dimensões e necessidades de mobilidade, ao mesmo tempo em que favorece a identidade do morador e o acolhimento no espaço.

Palavras-chave: acessibilidade; design de interiores; apartamento; cadeira de rodas; pertencimento.

ABSTRACT

ENG

This work presents the development of an interior design project for an apartment of approximately 70 m², adapted for a wheelchair user. The research aims to understand the relationship between the wheelchair user's body and the domestic space, considering aspects of accessibility, autonomy, and sense of belonging. Project references were analyzed, interviews with users were conducted, and user-centered design methods such as the Double Diamond were applied to support design decisions. The result is a proposal that combines functionality and comfort, creating an environment that respects mobility needs while reinforcing the resident's identity and sense of home.

Keywords: *accessibility; interior design; apartment; wheelchair; belonging.*

SUMÁRIO

1. FUNDAMEN- TAÇÃO

1.1 PCDs em Pers- pectiva:

Quem são e como são re-
conhecidas na sociedade

1.2 Vida sobre ro- das:

Conquistas, desafios e
necessidades

1.3 Acessibilidade como direito:

A importância dos espa-
ços inclusivos

1.4 Lar como exten- são do corpo:

O poder da habitação so-
bre identidade e pertenci-
mento

1.5 Humanização nos interiores

O lar como reflexo do mo-
rador

2. METODOLO- GIA

2.1 Double Dia- mond:

Segmentando a jornada

2.2 Design centrado no usuário:

Empatia como ferramenta
de projeto

3. DISCOVER

3.1 Estudos de caso

Projetos que serviram
como inspiração

3.1.1 Cazé Arquiteto, SP

3.1.2 Ana Weege Arquitetura, BH

3.2 Análise de simi- lares

3.3 Apresentação do Apartamento es- colhido

4. DEFINE

4.1 Layout

Reflexão sobre o fluxo do
dia a dia

4.2 Moodboard

Traduzindo sensações

4.3 Diretrizes proje- tuais

5. DEVELOP

5.1 Circulação

5.2 Marcenaria e marmoraria

5.3 Mobiliário e ele- tros

5.4 Materiais e re- vestimentos

5.5 Iluminação

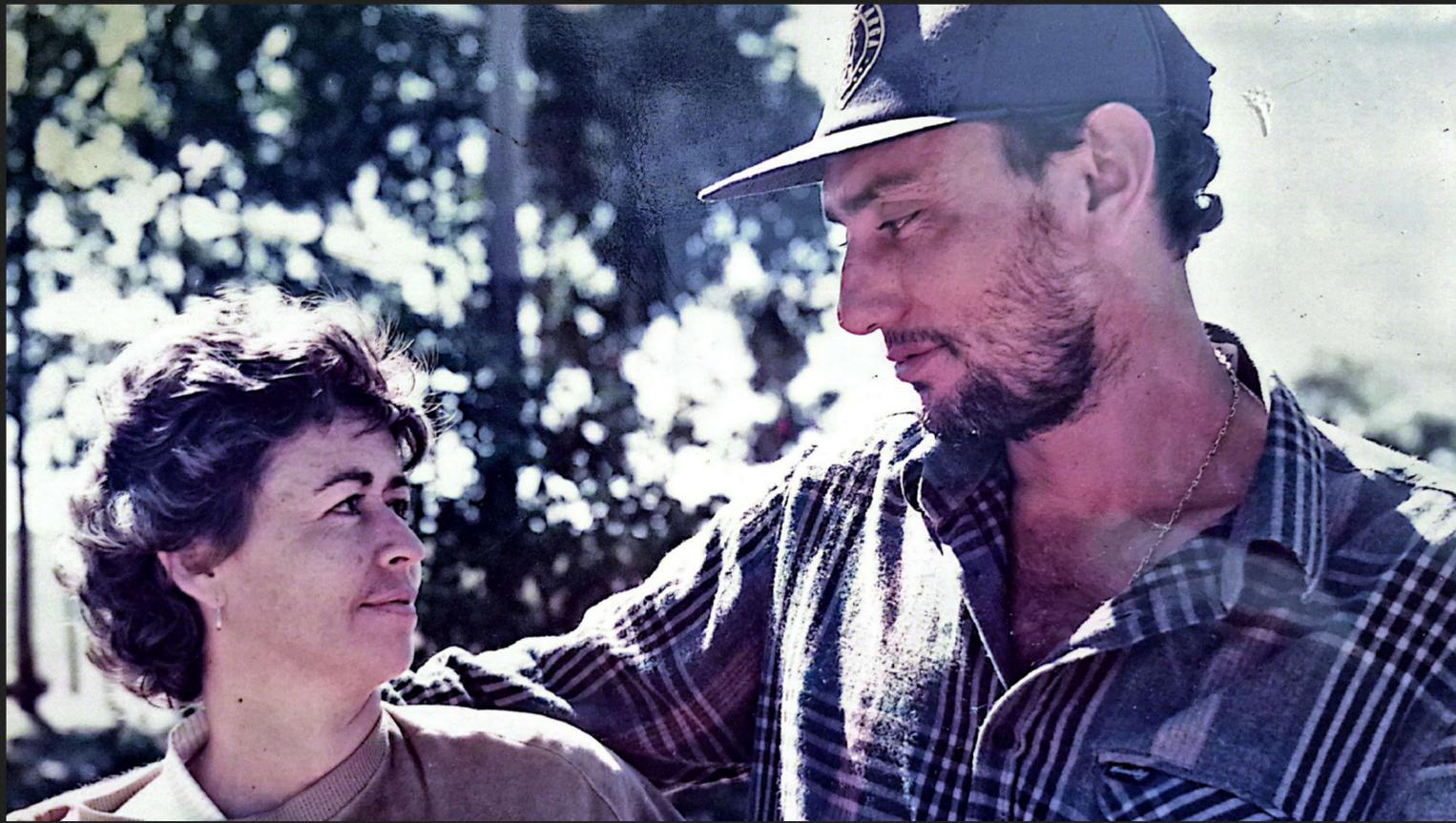
6. DELIVER

6.1 Detalhamento

6.2 Renders

7. CONSIDERA- ÇÕES FINAIS

8. REFERÊN- CIAS



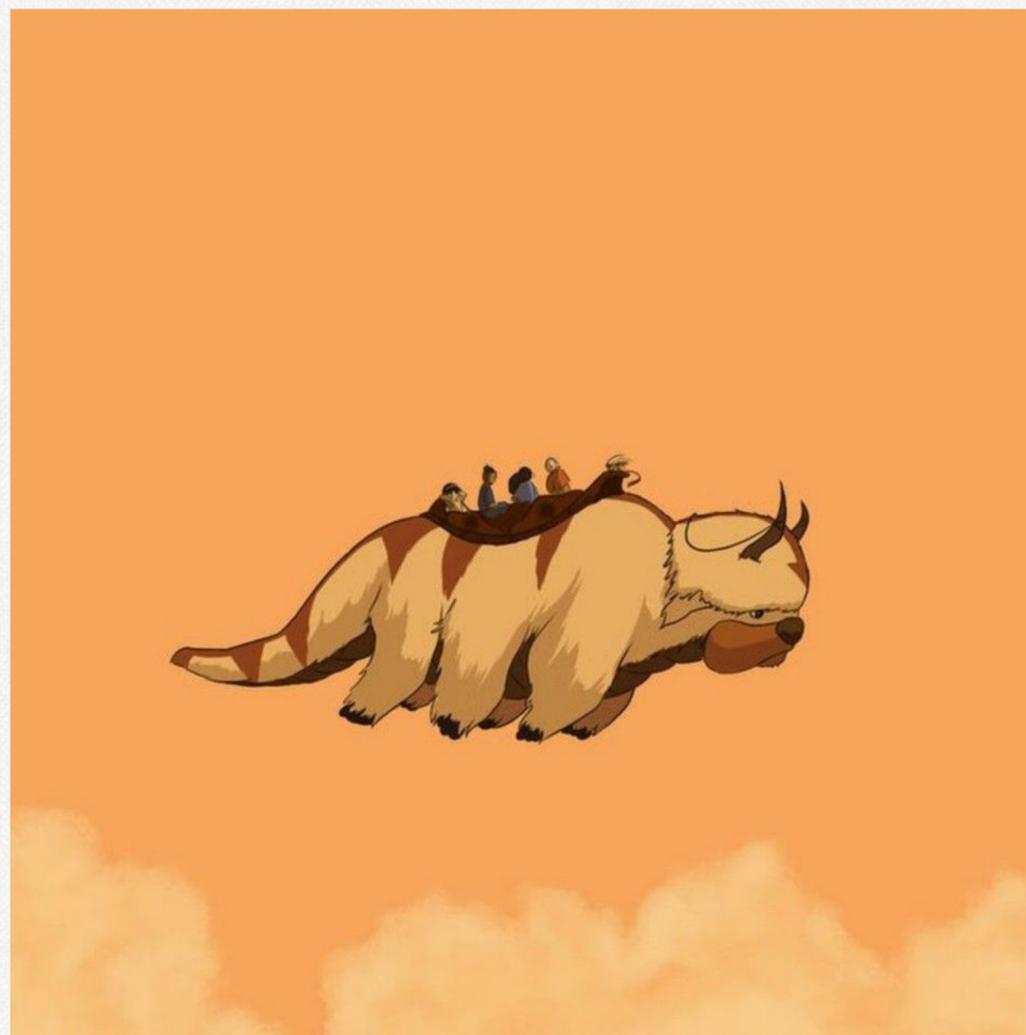
0. INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce da mistura de paixão e carreira, de um garoto que ama fantasia, e que sempre enxergou o design, em suas mais diversas formas, como a ferramenta de metamorfose e emancipação. Desde cedo, experiências pessoais com arte e *cartoons*, instigaram um olhar atento para o poder de contar histórias do design, e como ele é capaz de interferir nas experiências de quem o consome.

A partir dessas experiências, este projeto busca contribuir intimamente para as esferas de inclusão e acessibilidade nas habitações contemporâneas. Propõe-se, também, aprofundar as discussões sobre o tema, em especial no design de interiores, de forma a questionar a constante redução das unidades residenciais, fenômeno que compromete a qualidade de vida de indivíduos cujo requisito mínimo de bem-estar é o espaço.

Com o avanço das décadas, os municípios crescem desenfreadamente, e a demanda por moradias se intensifica. Esse fenômeno permeia as edificações, de forma que seus interiores fiquem cada vez menores, e o downsizing se torna uma realidade palpável. Essa tendência, embora economicamente justificável, põe em jogo a autonomia de PcDs que necessitam de amplitude para viverem sua rotina, como os usuários de cadeira de rodas. Nesse cenário, pensar no design como ferramenta de transformação social se torna essencial.

Para muito além de conferir acessibilidade, o design precisa fornecer identidade, conectar as pessoas que ali vivem, de forma que o conforto e a funcionalidade exerçam suas forças simultaneamente durante o cotidiano.



Este trabalho de conclusão de curso, portanto, visa desmontar um apartamento contemporâneo, e remontá-lo de forma regenerativa e inteligente, a partir dos conhecimentos adquiridos durante a pesquisa, e embasados nas vivências de uma pessoa cadeirante.

Dessa forma, define-se o campo de estudo com o seguinte questionamento: como desenvolver um projeto de interiores para um apartamento insuficiente que, ao mesmo tempo, garanta acessibilidade, identidade e bem-estar para uma pessoa cadeirante, e transforme espaço reduzido em um verdadeiro lar?

**Figura 1 – Avatar: A Lenda de Aang. Imagem publicada por Esteban Merino Garcia no Pinterest.
Fonte: ESTEBAN MERINO GARCIA (s.d.).**

1. FUNDAMENTAÇÃO: OS PILARES DO PROJETO

1.1 PCDs EM PERSPECTIVA:

Quem são e como são reconhecidas na sociedade

O universo das pessoas com deficiência (PcD) é composto por múltiplas facetas, e te convida a conhecer experiências e contextos que fogem do cotidiano de pessoas sem deficiência. descreva o que você entender por múltiplas facetas, indique duas ou três como exemplo.

O universo PcD é composto por diversas dimensões, que vão além das limitações físicas ou funcionais. Elas incluem barreiras arquitetônicas e de mobilidade, dificuldades de acesso à informação e comunicação, além de desafios sociais e emocionais, como o enfrentamento do preconceito e a necessidade de afirmação de identidade. Também se somam questões econômicas, uma vez que tecnologias assistivas, adaptações residenciais e serviços especializados muitas vezes representam custos elevados e nem sempre são acessíveis. Compreender essas diferentes camadas é essencial para enxergar o indivíduo em sua totalidade, respeitando sua singularidade e garantindo que soluções de projeto promovam autonomia, acolhimento e qualidade de vida.

De acordo com Estatuto da Pessoa com Deficiência¹, é considerada PcD aquele(a) que possui impedi-

¹ O Estatuto da pessoa com deficiência corresponde à Lei Brasileira de Inclusão para pessoas com deficiência. BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 152, n. 127, p. 2, 7 jul. 2015.

mentos de longo prazo, seja de natureza física, mental, intelectual ou sensorial (BRASIL, 2015, Art. 2). Nesse viés, entende-se que PcD não se refere apenas a deficiências físicas visíveis, mas sim abrange outras conhecidas condições que podem passar despercebidas à primeira vista, como autismo, cegueira, surdez e múltiplos tipos de limitações intelectuais. A tabela a seguir apresenta alguns tipos de deficiências em seus respectivos espectros.

Tabela – Tipos de Deficiência²

Tipo de Deficiência	Descrição	Exemplos
Deficiência Física	Alteração completa ou parcial de partes do corpo, afetando a mobilidade ou função física.	Paraplegia, tetraplegia, amputação, paralisia cerebral, nanismo, ostomia.
Deficiência Auditiva	Perda bilateral, parcial ou total, a partir de 41 dB, dificultando a percepção sonora.	Surdez, baixa audição severa, surdez profunda.
Deficiência Visual	Cegueira total ou baixa visão, incluindo campo visual inferior a 20 graus.	Cegueira, baixa visão, visão monocular.
Deficiência Intelectual	Funcionamento intelectual abaixo da média, com limitações em habilidades adaptativas.	Síndrome de Down, atraso intelectual, transtornos genéticos com deficiência cognitiva.
Deficiência Múltipla	Associação de duas ou mais deficiências que causam limitações significativas.	Deficiência físico-visual, intelectual-visual, auditivo-física simultânea.
Deficiência Psicossocial	Condições de saúde mental que limitam a participação plena na sociedade em interação com barreiras.	Transtornos mentais graves e persistentes, esquizofrenia, transtorno bipolar severo.

Tabela 1 – Tipos de deficiência, suas descrições e exemplos. Fonte: Adaptado de BRASIL. Estatuto da Pessoa com Deficiência, 2015.

Ao abordar temas que tangem a pessoa com deficiência, assunto marcado por paradigmas sociais e históricos, percebe-se a necessidade de superação desses preconceitos para possibilitar uma análise correta de um objeto de estudo inserido nesse contexto. Débora Diniz (2010, p. 4) aponta que, por conta de um discurso biomédico positivista marcado por visões de mundo estritamente científicas, se forma um conceito dessa condição espelhado em incapacidades e limitações. Esse entendimento, no entanto, evolui para um modelo social que condena contextos pouco sensíveis à diversidade e expõe a agressividade de nomenclaturas que associam anormalidades a esses indivíduos, visto que um corpo PcD só se destaca quando colocado em contraste com a imagem do que seria um corpo tido como “normal”.

Esse tema também é abordado por Romeu Kazumi (STIL, 1990, p. 30 apud SASSAKI, 1997, p.28), que percorre conceitos médicos sobre pessoas deficientes. Nesse texto, o autor condena essas concepções que denominam PcDs como indivíduos doentes que precisam de tratamento, habilitação ou reabilitação para serem considerados cidadãos capazes de usufruir totalmente do seu contexto social. Por construir, também, um desígnio de pessoa sem autonomia e passiva na sociedade, incapaz de contribuir, sempre necessitada de supervisão.

Em avanço no processo de estudar a posição do PcD na sociedade, Gabrielle Longo (2020), em um artigo para a Jusbrasil, também discute aspectos da trajetória da

luta por visibilidade no Brasil, fundamentada em conceitos desenvolvidos pela doutora em direito constitucional Flávia Piovesan (2010).

Piovesan construiu o processo de reconhecimento das pessoas com deficiência em quatro fases distintas. A primeira foi marcada por intensa intolerância, que associava as deficiências a impurezas ou punições divinas. A segunda, que sucede a anos de abuso da anterior, caracterizou-se pela indiferença, na qual esses cidadãos foram invisibilizados por grande parte das instituições. A terceira fase, de caráter pré-inclusivista, antecede a integração dos corpos com deficiência no campo dos direitos humanos. Nela, prevalece uma visão assistencialista, também discutida por Diniz (2010) e Sasaki (1997), em que a deficiência era compreendida como uma “doença que precisa de tratamento”. Por fim, a última etapa transcende essa perspectiva e incorpora pautas humanistas de inclusão, voltadas a corrigir barreiras sociais em prol da emancipação do cidadão com deficiência. Em teoria, é nessa fase que nos encontramos na atualidade.

A mensagem transmitida por ambos os autores em seus respectivos textos, evidencia os estigmas sociais como o principal agente de exclusão do PcD através de conceitos pré-inclusivistas, como o modelo médico. Portanto, é necessário pavimentar, no momento atual, um caminho fundamentado nos conceitos inclusivistas, que promovem autonomia e independência para para pessoas com deficiência, tanto no desenvolvimento de novos projetos e produtos, quanto para adaptar produtos existentes que não se adequam à diversidade da população.



**Figura 2 – Registro da 1ª Conferência Feminina PCD, evento que reuniu centenas de mulheres com deficiência para discutir políticas públicas e ações inclusivas.
Fonte: CORREIO DOS MUNICÍPIOS (2025).**

1.2 VIDA SOBRE RODAS:

Conquistas, desafios e necessidades

Entende-se como cadeirante, segundo o dicionário Michaelis (2024), a fração de PcD que, estando impossibilitada de andar por conta própria, utiliza uma cadeira de rodas para se locomover. Há diferentes condições de saúde que podem ocasionar o uso desse recurso, como fraturas temporárias, fragilidade decorrente do avanço da idade, além de deficiências congênitas ou adquiridas.

A luta das pessoas cadeirantes, observada ao longo das últimas décadas, têm lhes garantido uma participação e visibilidade social cada vez maiores. Toma-se como um dos exemplos mais notáveis, o constante progresso no desenvolvimento dos esportes paralímpicos, que elevam a participação dos PcDs para além dos parâmetros físicos. Em 1948, uma competição esportiva foi organizada na Inglaterra por Sir Ludwig Guttmann, que colocou 16 veteranos da segunda guerra mundial, para competirem entre si. O movimento foi tão comovente que, um ano depois, outros países europeus o adotaram, e pouco mais de uma década depois, foram elaborados os primeiros Jogos Paralímpicos, em Roma (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, s.d.). A modalidade é de grande impacto nas esferas esportivas contemporâneas, e revolucionou as concepções de reabilitação e expressão de cidadania, de forma que se manifestam em todas as facetas desse universo.

Ainda assim, usuários de cadeira de rodas representam uma minoria populacional, o que influencia diretamente na maneira como os espaços, planejados para usos sociais, são concebidos. Dados do IBGE (2024) indicam que cerca de 7,3% da população brasileira pos-

sui algum tipo de deficiência, mas o número específico de usuários de cadeira de rodas não é específico. Esse dado reforça a percepção de que a maioria dos ambientes, sobretudo os levantados esse século, dificilmente são desenhados para atender às necessidades de quem se locomove sentado.

Diante desse contexto, fica clara a importância de investigar as barreiras que delimitam a autonomia desse público e compreender como o design de interiores pode

se tornar um aliado. Através desse raciocínio, foi escolhido o usuário cadeirante como objeto de estudo principal nesse trabalho, de modo a analisar o potencial do design de interiores aliado à acessibilidade, como ferramenta para seu empoderamento em ambientes residenciais.

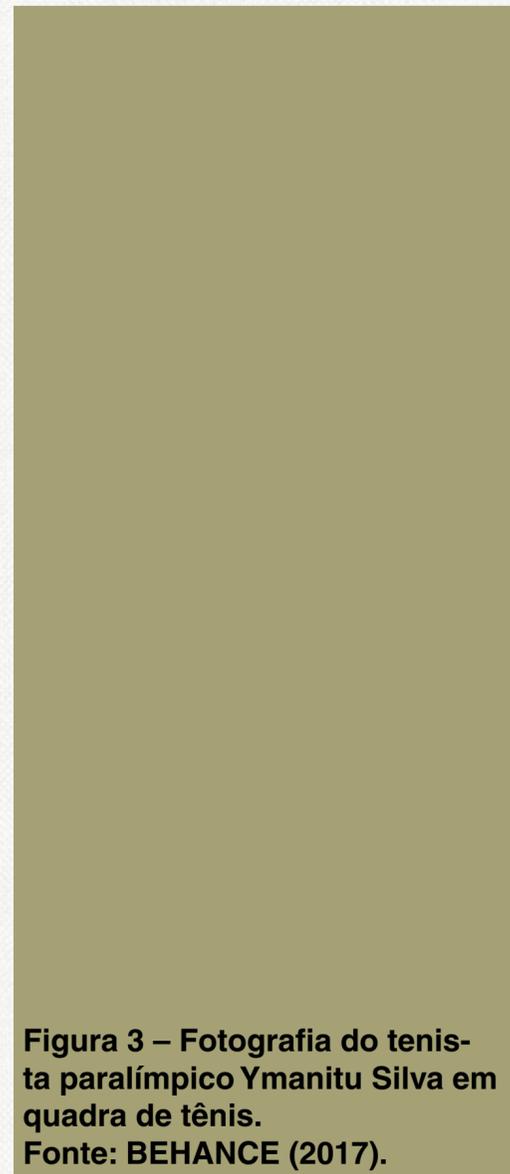


Figura 3 – Fotografia do tenista paralímpico Ymanitu Silva em quadra de tênis.
Fonte: BEHANCE (2017).

1.3 ACESSIBILIDADE COMO DIREITO:

A importância dos espaços inclusivos

O termo acessibilidade, de acordo com o dicionário Michaelis (2025), é a qualidade de algum espaço ou produto que é acessível, ou seja que facilita a aproximação, o procedimento, ou a obtenção desse algo. Dentro do design de interiores, em teoria, essa palavra engloba ambientes capazes de promover equidade entre usuários com diferentes performances físicas e intelectuais. Como já citado, a inserção do design acessível em locais públicos é obrigatória por lei. A criação da NBR 9050 em 1985, atualizada em 2020, é responsável pelos parâmetros a serem considerados durante o planejamento e a execução de edificações. Tais normas têm como objetivo uniformizar autonomia, independência e segurança para a maior quantidade de pessoas possíveis, nas suas mais diversas condições (ABNT, 2020, p.1).

Apesar de todo o esforço sociopolítico para transformar os modelos de construção da atualidade em espaços inclusivos, observado pela criação dessa regulamentação, fica nítido através dos exemplos:

“Eu sei que a discussão é mais profunda, mas vou elaborar: sou cadeirante e muitas vezes deixo de ir certos lugares porque não consigo entrar (...) O problema é que grande parte dos locais tem possibilidade, só que ninguém exerce a empatia de se pôr no lugar de uma pessoa com deficiência.”

– Usuário no Reddit

“Estava indo hoje [...] o motorista simplesmente cancelou a corrida [Uber]... ele passou na nossa frente, viu minha mãe na cadeira de rodas, e cancelou a corrida.”

– Usuário relatando discriminação ao solicitar corrida para uma pessoa cadeirante

Esses trechos foram extraídos de publicações anônimas no Reddit (2024), em páginas que externalizam desabafos e opiniões. Os dois relatos contextualizam os leitores sobre algumas situações às quais pessoas cadeirantes podem ser submetidas durante sua rotina. Serviços simples e amplamente utilizados, como corridas por aplicativo, podem se tornar um fator de segregação por conta da falta de preparo de prestadores de serviço. Motoristas, por exemplo, podem não estar devidamente instruídos para lidar com essa situação, o que resulta em cancelamentos, constrangimentos e exclusões que fragilizam a inserção dessas pessoas em meios que deveriam estar diariamente presentes.

Sempre é possível encontrar em reportagens e jornais, notícias semelhantes que reforçam tal cenário: cadeirantes privados de entrar em determinados locais ou de participar de eventos por negligência de comércios, eventos e instituições que não têm a estrutura adequada para recepcioná-los. Um notável exemplo dessas situações foi noticiado em 2023, quando uma mãe cadeirante precisou assistir à apresentação de sua filha pela no corredor da escola, pela porta da sala, na cidade de Praia Grande (SP), porque o vão era estreito demais para a passagem da cadeira de rodas (VALINHOS, 2024). Essa situação, além de causar constrangimento na mãe e nos demais responsáveis presentes, expôs o quanto

barreiras físicas ainda restringem o acesso de pessoas com deficiência em espaços básicos de convivência, até mesmo em instituições que deveriam simbolizar acolhimento, como escolas.



Figura 4 – Fotografia da reportagem “Mãe cadeirante assiste apresentação da filha em corredor de escola na Praia Grande”.
Fonte: VALINHOS (2024).

O episódio não se limita a um caso isolado, mas sim, evidencia uma falha estrutural no cumprimento das normas de acessibilidade, que deveriam garantir a todos os cidadãos o direito de vivenciar momentos fundamentais de sua vida familiar.

Casos como esse demonstram que a exclusão social da pessoa com deficiência não ocorre apenas em ambientes formais ou burocráticos, mas atravessa o cotidiano em suas dimensões mais afetivas e simbólicas. Ser privado de assistir a um momento escolar do próprio filho compromete não só a experiência individual da mãe,

mas também a construção de memórias coletivas em família. Além disso, esses exemplos comprovam que, apesar da existência de um código de leis com intuitos exclusivos de fornecer auxílio à esses cidadãos, algumas das demais esferas da sociedade permanecem inertes em relação à inclusão social, e conseqüentemente, intangíveis à legislação.

Compreender a hostilidade que uma pessoa cadeirante enfrenta diariamente no meio externo torna evidente o papel crucial que a moradia deve desempenhar. Se os espaços públicos frequentemente impõem barreiras físicas e sociais que restringem a autonomia, a residência precisa se tornar o lugar onde essas barreiras são eliminadas. É ali que o indivíduo deve encontrar acolhimento, segurança e liberdade de circulação, construindo um ambiente que favoreça sua autonomia e bem-estar. Por isso, estudar o design de interiores sob essa perspectiva é fundamental para revelar como o lar pode se tornar um espaço de restauração física e emocional, contribuindo para a qualidade de vida desse público e reforçando seu sentimento de pertencimento.



“E ainda assim, é precisamente nesses nórdicos, e aparentemente sombrios lugares, que Stimmung, um senso de intimidade, nasceu.”

“And yet it is precisely in these Nordic, apparently gloomy surroundings that Stimmung, the sense of intimacy, was first born.”

—PRAZ, Mario. An illustrated history of interior decoration: from Pompeii to Art Nouveau. New York: Thames and Huson, 1994. p. 49.

**Figura 5 – Interior do Museu Mario Praz, em Roma.
Fonte: ADRIANOVERO (2022).**

1.4 LAR COMO EXTENSÃO DO CORPO:

O poder da habitação sobre identidade e pertencimento

Stimmung é um termo alemão que não possui tradução exata, mas que reflete significados de aconchego, atmosfera e estado de espírito. Mario Praz (1994, p. 46 - 49) contextualiza a origem dessa expressão no norte da Europa, onde principalmente nos meses de inverno, o frio é muito rigoroso e as noites são muito extensas. Os nortenhos, nessas circunstâncias, começaram a atribuir valores emocionais aos seus interiores, e utilizaram de cores, texturas, tecidos, mobiliários, decorações e diferentes formas de iluminação para criar uma atmosfera afetiva capaz de combater a austeridade do meio externo.

Desde que abandonou o estilo de vida nômade, o ser humano acrescenta valor aos espaços de permanência, e a longevidade em determinado local, começa a revelar carências do corpo e da alma, como a necessidade de aconchego para os nortenhos. A sensação de pertencimento surge de estabilidade, segurança, conforto, carinho pelo que se possui e pelo que se conquista, a soma desses princípios dá origem ao que se declara como lar. Ter um lar, é se reconhecer no espaço em que se vive, para alguns isso pode significar espaço, para outros estética, funcionalidade ou localização. Mario Praz (1994) afirma que esse sentimento é modelado a partir de fatores culturais e do contexto social aos quais o indivíduo está inserido.

No quadro do usuário de cadeira de rodas, revela-se na história séculos de luta por equidade de direitos e auxílios socioculturais, e confrontos que persistem até os dias atuais. Portanto, mais do que nunca, é importan-



te que esse indivíduo encontre e construa um lar para si. Nesse sentido, evidencia-se que a garantia de direitos e formalidades ao usuário de cadeira de rodas, de fato, não é suficiente para que se sintam pertencentes à sociedade, considerando que, para além da legislação vigente, existem ainda diversas camadas sociais que permanecem desarticuladas em relação às demandas desse público. As consequências dessa desarticulação,

por vezes, refletem na intimidade do próprio lar do usuário e comprometem sua função de refúgio.

Nesse contexto, um recente fenômeno, conhecido como Downsizing, caracterizado pela constante redução das habitações, principalmente em cidades grandes, surge como ameaça às necessidades humanas dentro do mercado imobiliário. Conforme aponta Ramos

Figura 6 – Ilustração digital de interior rústico e aconchegante, iluminado por velas.

Fonte: GASER, via usuário do Pinterest Christiane Ghanem (s.d.).

(2025), em uma matéria do Jornal da USP, o mercado imobiliário brasileiro tem apresentado espaços cada vez menores para apartamentos. Isso se justifica tanto pelo aumento do preço do metro quadrado em áreas urbanas valorizadas, quanto pelas mudanças no perfil das famílias contemporâneas, que têm se tornado cada vez menores. Como apontado por Mendonça e Villa (2016), esse fenômeno tornou-se uma estratégia do mercado imobiliário, que consegue responder à demanda por unidades financeiramente acessíveis, enquanto compromete a qualidade das habitações, e conseqüentemente aumenta seus lucros.

Para pessoas cadeirantes, fica nítido que esses desafios se tornam ainda mais ameaçadores. As normas brasileiras garantem, sim, certas garantias no espaço social, como citado anteriormente, porém, as modificações decorrentes do downsizing comprometem aspectos do cotidiano os quais a legislação não alcança, no caso, o íntimo do lar. A circulação fluida com a cadeira de rodas, a instalação de mobiliário adaptado e a realização de tarefas simples com autonomia, são ambas comprometidas quando o espaço confortável é segmentado para abrigar mais cidadãos. Nesse sentido, Mendonça e Villa (2016) ressaltam que essa redução de espaço ocasiona limitações não só pessoais, mas também sociais, visto que a nova tendência do mercado prioriza a quantidade de unidades habitacionais construídas, em detrimento de sua qualidade e do bem-estar de seus moradores.

A problemática desse tópico não se restringe somente à situação dos atuais usuários de cadeira de rodas, visto que, cada cidadão está sujeito ao uso desse equipamento em algum momento da vida. Sendo assim, o

investimento em residências espaçosas deve ser de interesse coletivo, para assim, eliminar preocupações com reformas futuras e acidentes.

Por fim, compreender o lar como espaço de pertencimento, é reconhecer que ele possui funções que transcendem a ideia de abrigar seu morador. O design de interiores pode transformar restrições especiais em novas possibilidades e desenhos, quando somado à um planejamento específico com o dono do espaço. Nesse sentido, pensar a acessibilidade no contexto da minimização dos apartamentos, é resgatar a essência de se construir o lar definido por Mario Praz (1994): a construção de um espaço que, mesmo pequeno, consiga promover dignidade, identidade e autonomia. Surge então, a partir dessa necessidade, a ideia chamada de humanização.

1.5 HUMANIZAÇÃO NOS INTERIORES

O lar como reflexo do morador

A humanização no design de interiores consiste em transformar o espaço, de forma que a identidade do morador não seja apagada por nenhum outro fator, seja os elementos técnicos ou de acessibilidade normativa, incorporando assim, os valores e as emoções do usuário. Se a acessibilidade garante o direito de circulação e uso pleno do espaço, a humanização assegura que esse ambiente se torne, de fato, um lar. Esse aspecto é especialmente relevante no contexto de pessoas cadeirantes, que, diante de um meio externo frequentemente hostil e excludente, necessitam encontrar em sua residência um refúgio de pertencimento, autonomia e expressão pessoal.

Projetos humanizados são aqueles que estabelecem conexões afetivas entre o usuário e seu espaço. Para isso, são considerados desde aspectos técnicos de ergonomia até escolhas estéticas, como cores, texturas, iluminação e mobiliário, capazes de refletir a personalidade e a rotina do morador. Como já destacado por Mario Praz (1994), a construção do lar tem ligações históricas com a criação de atmosferas afetivas que combatem a austeridade do ambiente externo. Nesse sentido, a humanização é um contraponto à padronização, pois transforma ambientes funcionais em lugares significativos, marcados pela identidade de quem os habita.

Ao falar sobre inclusão, Sasaki (2021) ressalta que o verdadeiro desafio não está apenas em criar espaços que atendam a normas, mas em desenvolver ambientes que promovam integração, autoestima e reconhecimento. Esse princípio se aplica também ao design de inte-

riores: um projeto acessível sem humanização pode ser tecnicamente eficiente, mas ainda assim frio e impessoal. Já um projeto que une acessibilidade e humanização potencializa a experiência do usuário, proporcionando bem-estar físico, emocional e social.

Never Too Small é uma série de documentários criada por Colin Chee, que convida arquitetos e designers a apresentar suas soluções projetuais para pequenas residências ao redor do mundo (RAMESH, c. 2021). Através dos vídeos, é possível observar como apartamentos reduzidos podem ser otimizados sem abrir mão da identidade de seus moradores. Mesmo com restrições de espaço, o design é uma ferramenta que permeia soluções funcionais e necessárias, ao passo que também traduz a identidade do morador.



Figura 7 – Cena do vídeo “Fashion Student’s Cool Milan Micro Apartment, 21sqm/226sqft”.

Fonte: NEVER TOO SMALL (2025).



Figura 8 – Cena do vídeo “1970’s Melbourne Tiny Apartment – 35sqm/370sqft”.

Fonte: NEVER TOO SMALL (2018).

Em suma, tem-se que a soma dos tópicos discutidos neste capítulo, desde a acessibilidade como direito básico, os desafios impostos pela constante redução das moradias, até a o poder de acolhimento do lar, revela o papel central do design como ferramenta de inclusão e emancipação. Para pessoas cadeirantes, é necessário que a casa transcenda suas funções físicas e se torne um espaço onde a circulação nunca seja um problema, mas também onde se manifeste identidade e autonomia. Nesse sentido, a humanização do projeto de interiores é tão indispensável quanto a acessibilidade, pois garante que o ambiente não seja apenas funcional, diferente do que se encontra em espaços públicos. Permite também, que seja afetivo e verdadeiramente representativo do morador. Essa perspectiva, porém, não se resume somente ao público PcD: todos os indivíduos se beneficiam de espaços que conversam com suas necessidades práticas e emocionais.



Figura 9 – Cena do vídeo “23sqm/247sqft Micro Apartment – The Cairo Flat”.

Fonte: NEVER TOO SMALL (2020).

Dessa forma, torna-se evidente que o design como ferramenta deve ser entendido como uma prática social que constrói lares, e não apenas casas. Para assegurar que esses princípios sejam efetivamente incorporados ao processo criativo, este trabalho utiliza uma metodologia que, ao colocar o usuário no centro de cada etapa projetual, possibilita transformar os conceitos aqui discutidos em soluções concretas, sensíveis e alinhadas à realidade.

2. METODOLOGIA

2.1 O DUPLO DIAMANTE

Segmentando a jornada

Para o desenvolvimento desse projeto, a utilização do Diamante Duplo (Double Diamond) foi a chave. Esse método criativo foi concebido no Reino Unido, em 2005, e foi promovido pelo Design Council (DESIGN COUNCIL, s.d.). No contexto do período, emergia a necessidade de se representar o processo criativo do design de forma visual, para melhor organizar e comunicar ideias. Sua forma no papel, como o nome sugere, é de dois diamantes tangentes que abrigam quatro fases, são elas: Descobrir (Discover), Definir (Define), Desenvolver (Develop) e Entregar (Deliver). Os movimentos direcionados dos diamantes simbolizam momentos de expansão de ideias e exploração nas etapas divergentes, e momentos de introspecção, afunilamento de conceitos e tomada de decisões nas etapas convergentes.

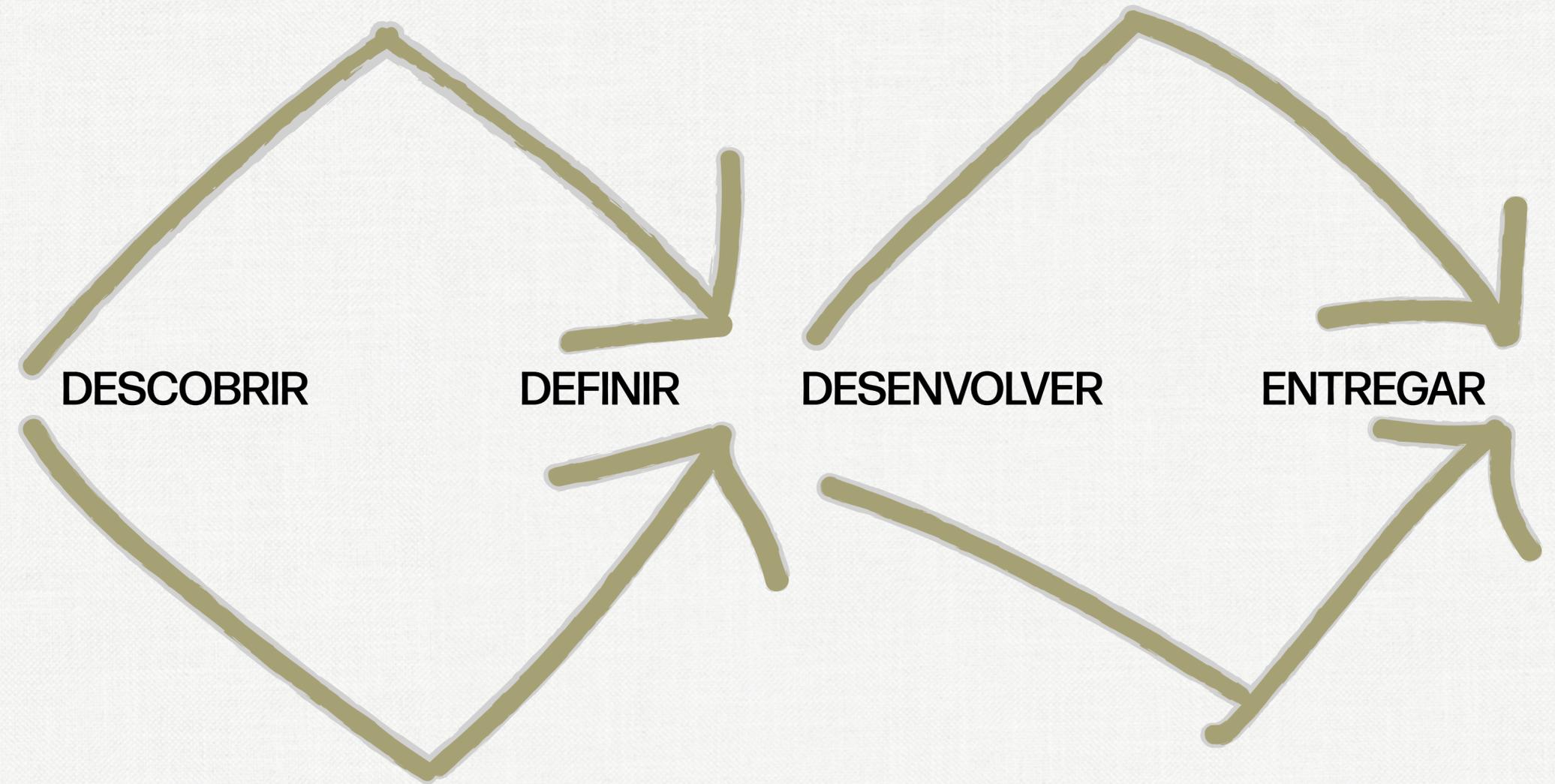


Figura 10 - Duplo diamante.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Essa metodologia, aplicada ao projeto de design de interiores, tem o potencial de estabelecer um equilíbrio entre experimentação e pesquisa, e permite uma maior absorção de conhecimentos externos para complementar o desenvolvimento da proposta. Dessa forma, observa-se a adequação do Duplo Diamante para solucionar problemas de adaptação residencial, em contraste às demais metodologias utilizadas no ramo da arquitetura de interiores, que apesar de eficientes em outros contextos, não adicionam essa camada adicional de profundidade para as necessidades do usuário. Este método permite, portanto, não só ampliar os horizontes da pesquisa, mas também viabiliza feedbacks e alterações do usuário diretamente em cada uma das etapas.

Reitera-se assim, uma crítica à percepção de que muitos projetos arquitetônicos acessíveis acabam resultando em soluções padronizadas, marcadas pela repetição de elementos como barras de apoio, o que tende a uniformizar esteticamente as habitações. Esse fenômeno é destacado por Sasaki (2021), que aborda em seu texto, a importância de se promover uma sociedade inclusiva. O design, nesse contexto, transcende a padronização de espaços acessíveis voltados ao genérico, geralmente encontrados em espaços públicos, e direciona o foco para o morador do apartamento, aquele que irá experienciar o ambiente em sua totalidade.

A criação de um espaço de projeto é colocada como ferramenta fundamental de organização de ideias na etapa de descobertas. Portanto, para materializar pensamentos e ordenar informações coletadas, foi criado um quadro no Miro para este trabalho em específico.

O Miro é um espaço virtual que permite a disposição de textos, imagens, formas e quadros de mensagens si-

multaneamente, e sua capacidade de tornar a pesquisa visualmente interessante foi o principal motivo para a escolha do aplicativo.

A organização no Miro, não só permitiu com que fosse possível enxergar todas as etapas do diamante em progresso simultaneamente, mas também possibilitou a integração entre professores e amigos, que puderam acompanhar e fazer sugestões com suas próprias anotações ao longo do processo. Nesse board,

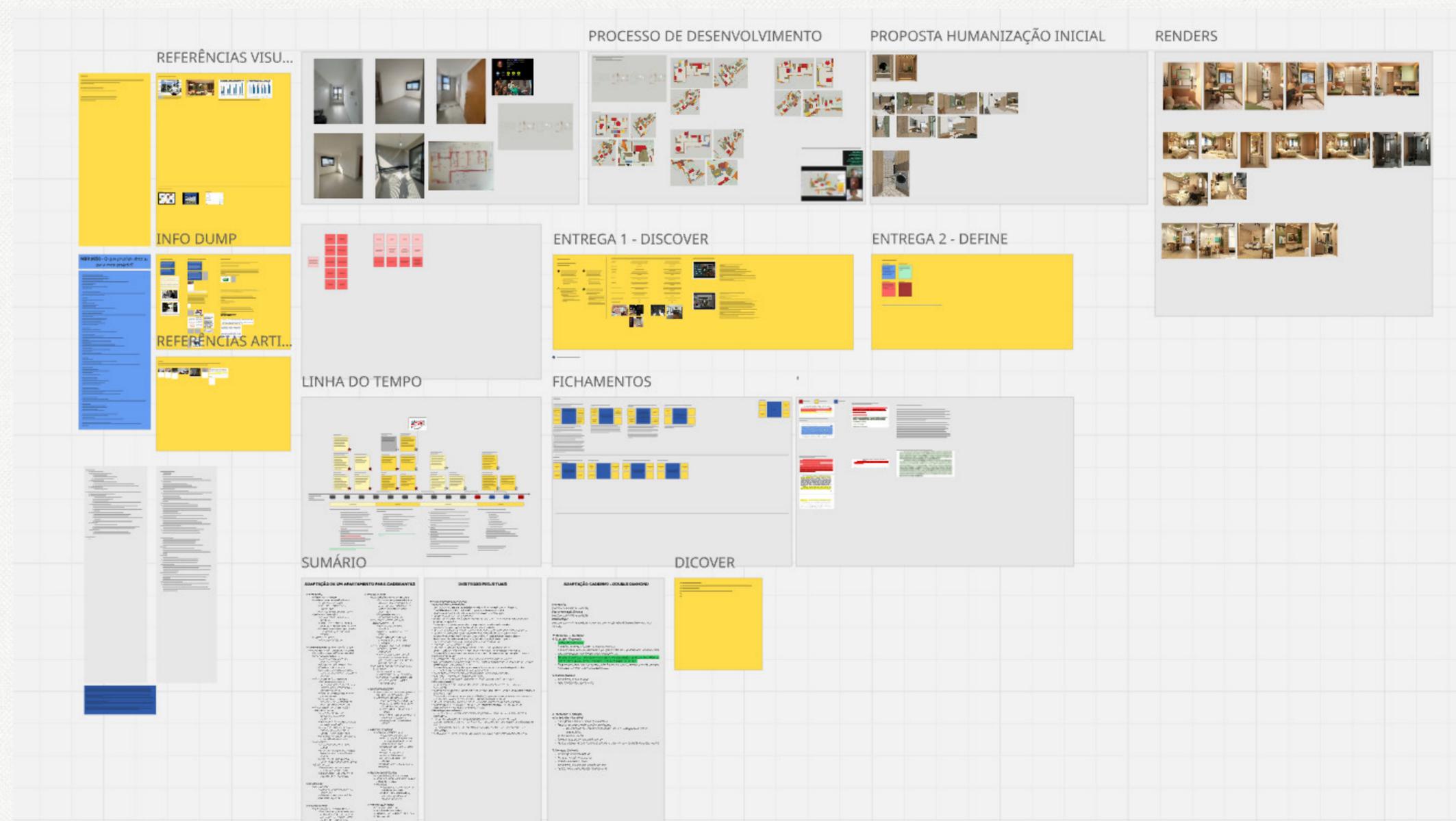


Figura 11 - Print da organização da pesquisa utilizando o Miro.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

2.2 O DESIGN CENTRADO NO USUÁRIO

Empatia como ferramenta de projeto

Para complementar a abordagem do Double Diamond e pelo fato de que cadeirantes, assim como PcDs em geral, possuem necessidades muito específicas, a inclusão do usuário no processo projetual torna-se fundamental. Mais do que interpretar demandas a partir de anotações ou premissas técnicas, é essencial compreender como cada indivíduo deseja vivenciar o espaço em sua rotina cotidiana. Essa metodologia permite que o trabalho tome forma a partir de informações reais, observadas e coletadas junto ao usuário, possibilitando que os ambientes resultantes traduzam tanto suas necessidades funcionais quanto suas preferências estéticas.

A necessidade de adotar uma metodologia que centralize o desenvolvimento do projeto diretamente no usuário, como o Double Diamond, surgiu a partir de experiências pessoais como estagiário em um escritório de arquitetura. Com mais de 18 meses de atuação em desenvolvimento criativo para projetos residenciais de interiores, tornou-se evidente que a maior concentração de problemas de interpretação de briefing e de soluções projetuais ocorria em projetos nos quais não havia conexão direta entre o estagiário e o cliente.

Por se tratar de um escritório com alta demanda de projetos, era comum que colaboradores em posição de estágio tivessem dificuldade em estabelecer contato com todos os clientes, devido ao elevado volume de trabalho. Nessas circunstâncias, o estagiário ou funcionário na posição criativa precisava se basear em anotações e esboços realizados durante as reuniões de alinhamento. Muitas vezes, esses registros continham lacunas de in-

formações que inviabilizavam a compreensão total das necessidades do cliente. Essa metodologia desencadeia em uma sequência de retrabalhos que atrasam tanto a entrega do projeto em questão quanto dos demais em andamento.

Há muitas obras literárias extremamente relevantes que conceituam o DCU (Design Centrado no Usuário), e que contribuem para aprimorar metodologias de design já existentes. No livro *Design Centrado no Usuário* o autor Travis Lowdermilk nega várias suposições feitas sobre o conjunto de ideias que estruturam a centralização do projeto no usuário. Entre elas, a de que essa metodologia é uma distração que distancia a ideia do projeto de sua execução prática, limitada pela quantidade de recursos disponíveis.

Já Lowdermilk defende que, com o usuário em foco, suas necessidades primordiais serão analisadas em primeiro lugar, só então, são escolhidas as tecnologias de execução para o projeto entre as que se têm disponíveis. Apesar de falar especificamente sobre o desenvolvimento de aplicativos digitais, seus conceitos auxiliam na definição do tema geral, e enriquecem a resolução de problemas em pesquisas nas mais diversas áreas do design. Tem-se, portanto, que o design centrado no usuário é uma metodologia de pesquisa e coleta de informações necessárias para a execução do projeto. Essa abordagem baseia-se na interação com o usuário como foco precoce e contínuo, com ciclos de refinamento que aprimoram a definição de necessidades.

“Design centrado no usuário (DCU) é uma metodologia usada por desenvolvedores e designers para garantir que estão criando produtos que atendem às necessidades dos usuários.”

—LOWDERMILK, Travis. Design centrado no usuário. 2. ed. São Paulo: Novatec, 2019. p. 37.

Conectar o DCU com o design de interiores, portanto, fortalece sua função primordial de espelhar o habitante, no espaço em que habitará. Essa conexão é capaz de moldar o projeto para que deixe de cumprir funções únicas de estética ou de função, e passe a solucionar todas elas simultaneamente da melhor forma possível. Esse alinhamento entre o projeto e o cliente, não só evita a criação de espaços genéricos e sem personalidade, mas também garante tangência entre o que foi solicitado, o que é necessário, e ao que agrada o futuro proprietário, assim evitando a necessidade de futuros retrabalhos.



“O garoto não pode usar as pernas para dirigir o animal, portanto, tem de se ajustar o cavalo ao cavaleiro”

—MARTIN, George R. R. A guerra dos tronos. São Paulo: Suma, 2019. p. 176.

A citação acima foi proferida por Tyrion Lannister, da série de romances épicos As Crônicas de Gelo e Fogo, escritos por George Martin. No capítulo em questão, o príncipe Bran, de apenas 8 anos, lamenta a perda da mobilidade de suas pernas em um recente acidente, que prova ser um obstáculo diante do seu sonho de se tornar um cavaleiro. Tyrion Lannister, com sua astúcia e inteligência, projeta uma sela especial para o garoto, que lhe permitiria, ainda que sem o uso das pernas, montar novamente. Esse capítulo comprova a presença do design centrado no usuário em diversos contextos históricos, sejam eles fictícios ou não, e enfatizam também, o impacto positivo que ele pode ocasionar na vida dos PcDs, refletida na gratidão do garoto ao conseguir montar seu pônei novamente.

Reforça-se, portanto, a importância da presença do usuário em todas as fases projetuais no contexto do design de interiores. Em sua força total, o design é uma ferramenta de transformação de muita precisão, e que quando aplicada de forma situacional, consegue atuar com muito mais minuciosidade. Com base nesses princípios, o presente projeto buscou incorporar a presença do usuário como elemento central em sua elaboração. Projetar ambientes residenciais sem considerar quem irá habitá-los torna a prática de planejar um mero acessório, pois o design perde sua função essencial: transformar uma simples casa em um verdadeiro lar.

**Figura 12 - Cena da série Game of Thrones.
Fonte (GAME OF THRONES 2011 - 2019)**

3. DISCOVER

Os seguintes capítulos abordam o desenvolvimento do projeto em cada uma das etapas do Duplo Diamante, apresentadas com definições oficiais do Design Council (s.d.), organização onde oficialmente nasceu essa metodologia.

“O primeiro diamante ajuda as pessoas a entender, em vez de simplesmente presumir, qual é o problema. Envolve conversar e passar tempo com as pessoas afetadas pelos problemas.”

“The first diamond helps people understand, rather than simply assume, what the problem is. It involves speaking to and spending time with people who are affected by the issues.”

—DESIGN COUNCIL. The double diamond: a visual representation of the design and innovation process. [S.l.]: Design Council, 2004-2025. Disponível em: <https://www.designcouncil.org.uk/our-resources/the-double-diamond/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

A fase de descobertas é a primeira, e nela, o autor deve absorver a maior quantidade de informações iniciais possíveis sobre as esferas que compõem o tema central da pesquisa. Nutrir empatia sobre o projeto, assim como investigar trabalhos anteriores no mesmo contexto, observar e conversar com os possíveis usuários do projeto, são algumas das práticas que formam essa etapa.

Para o presente TCC, essa fase foi construída a partir de análises de estudos de caso de residências de pessoas cadeirantes e da observação de como esses usuários adaptam seus lares para facilitar o cotidiano. Foram incluídas leituras de artigos sobre a constante redução de tamanho dos apartamentos e os impactos disso para pessoas com deficiência. Além disso, realizou-se uma entrevista inicial com Letícia Lucas, usuária de cadeira de rodas há 30 anos, cuja experiência trouxe informações fundamentais sobre desafios e estratégias no dia a dia. Essa escuta inicial direcionou as descobertas e permitiu compreender a fundo as necessidades que viriam a embasar as diretrizes do projeto. Foi escolhido também, um apartamento modelo para abrigar a ideia do projeto, foi construída uma crítica em cima de sua planta baixa padrão.

3.1 ESTUDOS DE CASO

Projetos que serviram como inspiração

Antes de procurar um usuário específico para inspirar o trabalho, foram realizadas análises de outros projetos de apartamentos feitos com o mesmo propósito. Apesar de um projeto de interiores para pessoa cadeirante ser extremamente personalizado, considerando as preferências pessoais de cada indivíduo, existem alguns elementos que podem ser considerados universais quando se trata de facilidade de circulação, de alcance e de acesso a eletrodomésticos e marcenaria.

Portanto, foram construídos dois estudos de caso sobre projetos de apartamentos desenhados para pessoas cadeirantes. O intuito dessas pesquisas foi enriquecer o repertório em design em acessibilidade e observar o que já tem sido feito para esse público, de forma a abstrair o máximo de informações e soluções possíveis para o presente trabalho.

CAZÉ ARQUITETO, SP.

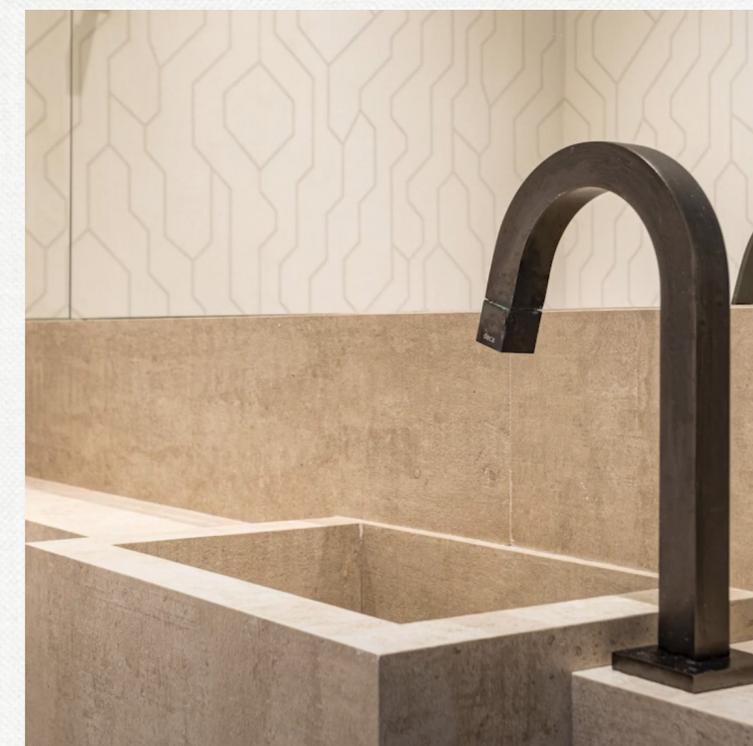
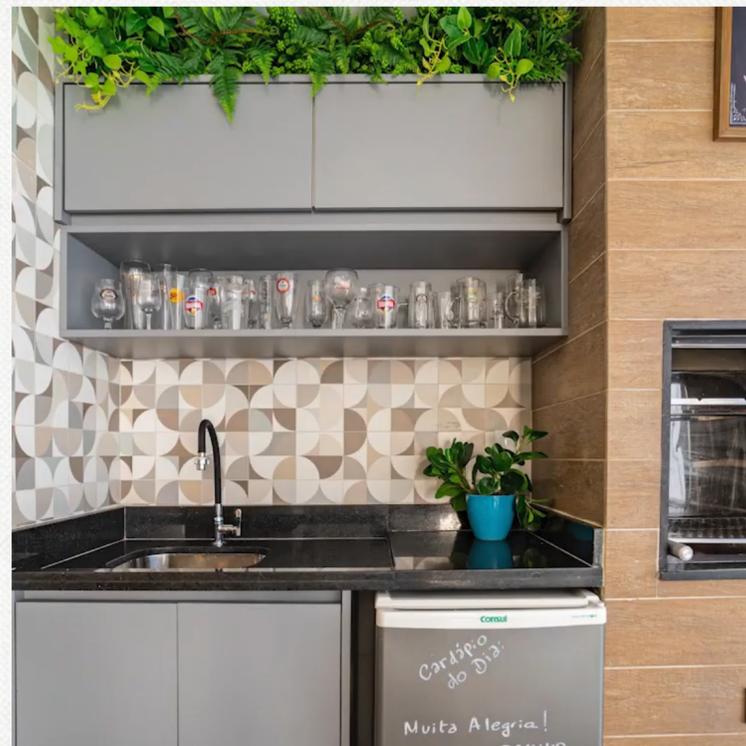
O primeiro projeto analisado foi desenhado pelo arquiteto Cazé, na cidade de São Paulo. Esse apartamento é um exemplo de como um espaço com dimensões reduzidas pode, ainda assim, proporcionar autonomia e independência. O layout escolhido partiu da premissa de eliminar obstáculos e barreiras físicas que possam comprometer a circulação do morador: os vãos de passagem têm 1 metro de largura, as esquadrias estão embutidas para evitar colisões com a cadeira que possam gerar quedas e acidentes, e os filetes que marcam os desníveis para áreas molhadas foram substituídos por

rampas, que suavizam a transição de ambientes. Tais soluções mostram que a fluidez não surge apenas da abertura dos espaços, mas também da eliminação de obstáculos sutis que, apesar de passarem despercebidos para muitos designers, podem ser um diferencial em segurança e destreza.

Outros aspectos relevantes a serem analisados foram a preocupação com os projetos de marcenaria e com os mobiliários selecionados. A bancada da cozinha, posicionada a 75 centímetros, não apenas serve para refeições rápidas, mas também para atividades diversas, permitindo que a cadeira se encaixe confortavelmente. O micro-ondas foi posicionado na altura do rosto do morador, para evitar acidentes na hora de colocar ou retirar refeições. A pia possui uma porta bipartida, ou seja, que se segmenta no meio e abre no estilo camarão. Assim, o vão abaixo da cuba para encaixe da cadeira permanece oculto enquanto não utilizado e mantém a cozinha agradável e organizada.

O banheiro e o lavabo são alvos de destaque por mesclar estética e funcionalidade. O sifão articulado, posicionado sob as pias, permite a entrada livre da cadeira, e a bancada esculpida em porcelanato dá continuidade ao ambiente. Decisões projetuais como essas comprovam que soluções técnicas podem ser transformadas em elementos de design sem comprometer o visual do espaço. Nos corredores, há espaço para manobrar a cadeira em direção a todos os quartos, e o roupeiro possui sistema de abertura “fecho-toque”, acionado com um leve empurrão. Esse mecanismo elimina a presença de puxadores metálicos sobressalentes, que podem enroscar nas roupas ou colidir com as rodas da cadeira.

Esse conjunto de estratégias comprova que é possível transformar um apartamento pequeno para se tornar acessível, porém é necessária atenção em dobro. Das áreas de transição gerais ao acabamento do sifão, os detalhes se tornam fundamentais para promover a autonomia desejada pelo morador. Para meu projeto, esse exemplo reforça que é no desenho minucioso dos elementos cotidianos que se constrói a verdadeira sensação de pertencimento, mostrando que o design inclusivo é feito na escala do gesto, no encontro entre corpo e espaço.



Figuras 13, 14, 15, e 16 – Cena do vídeo “Apartamento adaptado para cadeirante – projeto de Cazé Arquiteto”.
Fonte: FREITAS (2022).

Nesse duplex, Ana Weege aborda a acessibilidade de forma abrangente, que entende os espaços como um palco para convivência entre o morador e os visitantes, além de um suporte técnico para suas necessidades específicas. O ambiente é conectado como um só pela presença de um piso uniforme, sem desníveis que podem causar a sensação de segmentação dos ambientes. Essa escolha projetual faz com que os percursos de circulação fiquem mais naturais e, somados com a ausência de tapetes e cortinas, que podem enroscar na cadeira, o piso se torna uniforme e envolve o ambiente por completo. O resultado é um espaço limpo e fluido, onde cada detalhe contribui para uma vivência sem interrupções.

Os móveis planejados assumem papel nesse projeto também. Cantos arredondados na marcenaria da cozinha e das demais áreas técnicas favorecem a circulação, mas sem comprometer a estocagem, visto que tais cantos são transformados em armários mimetizados com portas de abrir em curva. Os rodapés são mais recuados que o normal, para permitir a entrada da ponta da cadeira, e são revestidos com a mesma pedra natural das bancadas, com o intuito de fornecer mais proteção ao móvel, visto que o material que reveste o piso pode ser mais frágil a uma sequência de impactos.

A tecnologia nesse lar é integrada de forma natural, exemplificada pelas ferragens especiais escolhidas para aprimorar com funcionalidade e estética. As portas de alguns armários inferiores possuem corrediças coplanares, de forma que a porta correrá por cima da folha ao

lado, mantendo um acabamento limpo e sem desníveis por fora. No closet, as portas camufladas na marcenaria se abrem com estímulo, ou seja, a abertura de uma folha ocasionará a abertura simultânea da segunda. Já no guarda-roupas, os cabideiros superiores possuem uma ferragem especial desenhada pelo próprio marceneiro responsável pelo projeto, que desce até a altura do rosto do morador com um acionamento remoto. A automatização nesse projeto é discreta, sem comprometer a estética contemporânea do cliente, mas também fundamental na promoção da autonomia, fundindo funcionalidade e beleza da melhor forma possível.

A arquiteta também revela uma preocupação especial com a integração entre o morador e seus convidados. A cadeira, nesse apartamento, não é um fator de segregação, e tem seu espaço reservado em todos os círculos de socialização, seja na sala de estar ou na mesa de jantar. E caso o morador decida se translocar para os demais assentos, os sofás tiveram seus pés substituídos para que sua altura se equipare com a da cadeira de rodas. Essa abordagem humanizada reforça que acessibilidade não se resume à funcionalidade, mas se conecta à forma como o espaço convida ao convívio. Ainda assim, alguns cômodos, como o quarto de hóspedes e o quarto dos filhos, não foram integralmente adaptados. Essa decisão, apesar de parecer contraditória, aponta para a necessidade de equilíbrio entre a adaptação completa e o uso compartilhado da casa. Os cômodos em questão são os menores do apartamento e, para suprir as necessidades de quem realmente irá utilizá-los ao máximo, no caso os hóspedes e os filhos, a decisão de transformar o espaço de armazenamento em áreas de circulação foi rejeitada pelo cliente. Isso demonstra que o projeto consegue ser flexível às diversas realidades.

Por fim, é claro como as soluções de acessibilidade invisíveis fornecem sofisticação e humanidade à residência. As adaptações se tornam escolhas de projeto coerentes, que dialogam entre si para atender aos apelos estéticos de quem habita o espaço. Isso evidencia que ambientes acessíveis podem alcançar o mesmo grau de refinamento de qualquer obra de alto padrão, desde que a integração entre função e forma seja cuidadosamente planejada. Para este trabalho, esse caso traz uma lição essencial: acessibilidade também é uma linguagem estética, tão necessária quanto a funcional. O êxito dessa linguagem depende da capacidade de torná-la discreta, mas sempre presente, como um pano de fundo que sustenta a autonomia do usuário.



Figura 17, 18, 19, 20, 21 e 22 – Imagens publicadas no perfil oficial de Ana Weege Arquitetura no Instagram.
Fonte: @ANAWEEGE (2025).

Ambos os estudos de caso evidenciam abordagens distintas para uma mesma questão: a autonomia do ca-deirante em seu lar. O projeto de Cazé revela que um desenho atento, com soluções pontuais, pode transformar um espaço compacto em um lar altamente funcional. Enquanto o trabalho da arquiteta Ana Weege mostra que um grande ambiente consegue incorporar tecnologia, beleza, bem-estar e autonomia de forma orgânica, tudo dentro dos âmbitos da acessibilidade.

Em ambos os casos, é perceptível que a verdadeira qualidade da adaptação está nos detalhes silenciosos, nas escolhas que não gritam como adaptações de acessibilidade, mas que moldam discretamente a rotina do usuário. Em contrapartida, é possível encontrar limitações. No primeiro caso, a utilização de soluções altamente específicas, como no uso de acabamentos especiais, pode tornar sua replicação mais difícil. Já no segundo, a grande metragem quadrada e o uso de tecnologias especiais e personalizadas elevam o projeto a um patamar distante da realidade de grande parte da população que necessita dessas adaptações.

Tabela 2 - Tabela análise de similares.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Análise de similares

Aspecto	Cazé Arquiteto (vídeo fonte)	Ana Weege Arquitetura (vídeo + fontes)
Tipo de espaço	Apartamento compacto, foco na acessibilidade funcional	Cobertura duplex ampla e fluida, com integração social e visual
Circulação	Vãos largos, esquadrias embutidas, rampas no lugar de desníveis	Piso contínuo sem desníveis, sem tapetes/cortinas
Detalhes técnicos	Sifão articulado, portas "fecho-toque", bancada adaptada, micro-ondas ao alcance	Ferragens coplanares, rodapés arrematados em pedra, portas com ativação por toque, automatização discreta
Cozinha	Bancada a 75 cm, micro-ondas na altura do rosto, porta camarão	Armários com cantos arredondados e portas curvas, móveis integrados com acabamento refinado
Banheiro	Soluções técnicas disfarçadas como design (sifão abaixo da pia, bancada contínua)	Sem ênfase nos textos, provavelmente integrados esteticamente ao projeto geral
Tecnologia	Predominância de soluções físicas bem desenhadas, pouca automação visível	Automação sutil e funcional: cabideiro que desce com controle remoto, abertura sincronizada de portas
Integração social	Foco na circulação e autonomia individual	Inclusão da cadeira no convívio: sofás adaptados, integração com espaços sociais
Estética	Estética funcional bem alinhada às adaptações práticas	Acessibilidade invisível, refinada, e coerente com estética de alto padrão
Limitações	Alto nível de detalhamento pode dificultar replicação mais acessível	Soluções tecnológicas e escala podem torná-las distantes da maioria dos orçamentos ou realidades
Lição central	O detalhe cotidiano constrói autonomia num espaço compacto	Acessibilidade como linguagem estética e social, integrada e sofisticada

A criação dos estudos de caso enriqueceu a pesquisa em muitos aspectos, principalmente em relação às soluções projetuais, entretanto, sob as lentes do design centrado no usuário, tais informações não seriam suficientes para o desenvolvimento completo do apartamento. Portanto, iniciou-se a busca por uma pessoa alvo que pertencesse à comunidade PcD, pois assim, a pesquisa poderia ser incrementada com informações totalmente pautadas em experiências reais. Através do Doutor Eduardo Crosara, professor e especialista em medicina interna (e um amigo da família), foi estabelecido contato com Letícia Lucas, uma ex-atleta paraolímpica e presente digital influencer, que realizava consultas com ele. Ao primeiro toque para conhecer o trabalho, Letícia se interessou bastante, e prontamente concordou em participar de uma conversa inicial, para receber mais informações, e alinhar as expectativas entre designer e cliente.

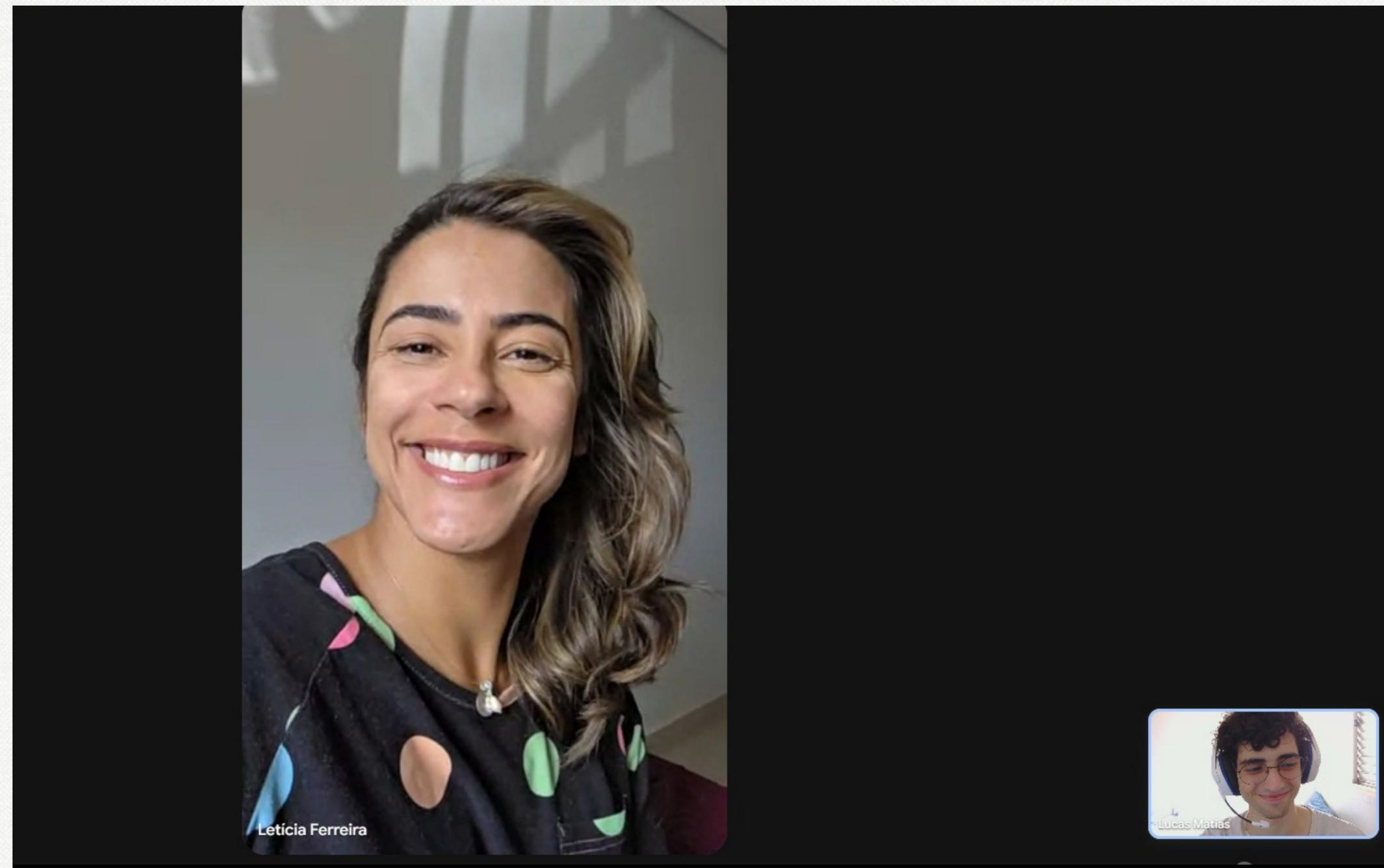


Figura 23 – Registro de videochamada realizada com Letícia em 20 jul. 2025.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

O primeiro contato com Letícia foi transformador, visto que através dele foi possível observar, de fato, a clareza ocasionada pela centralização do cliente no projeto. O bate-papo foi crucial para construir conceitos básicos sobre as percepções de mundo de alguém que utilizou da cadeira de rodas pela maior parte da vida. Com decorrer da conversa, então, foi ofertado para à influenciar a oportunidade de dar continuidade à pesquisa como figura central de inspiração, ou seja, a “cliente” da habitação, e com muito entusiasmo, ela aceitou participar. Sendo assim, nessa mesma conversa, foi realizada uma entrevista inicial pré-estruturada para conhecer um pouco mais sobre a identidade e as necessidades específicas da possível “moradora”.

Letícia tem 43 anos de idade, e utiliza cadeira de rodas há 33 anos. Nasceu em Três Marias (MG) e atualmente reside em Uberlândia (MG). Seus hobbies são cozinhar, assistir filmes e passar tempo com sua filha Clarisse, de 12 anos. Essas e outras informações estão disponíveis no Anexo 01, que contém a entrevista completa realizada no primeiro encontro. (Conferir Anexo 01). A partir dessas informações iniciais adquiridas, foi criado então, um moodboard inicial para auxiliar na absorção de ideias durante as próximas etapas do Duplo Diamante.



Figura 24 – Moodboard, primeira concepção de cores e texturas do trabalho.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Segue também, uma síntese geral do que foi compreendido através do primeiro contato com a cliente do trabalho.

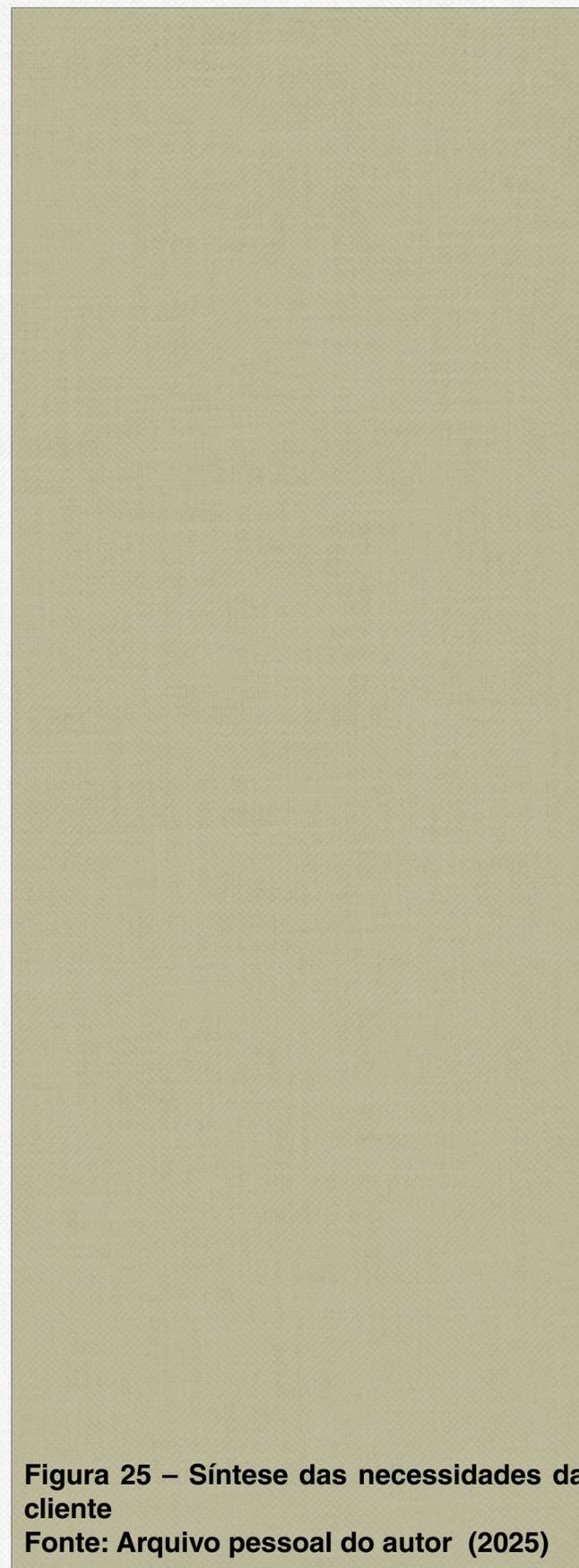


Figura 25 – Síntese das necessidades da cliente
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

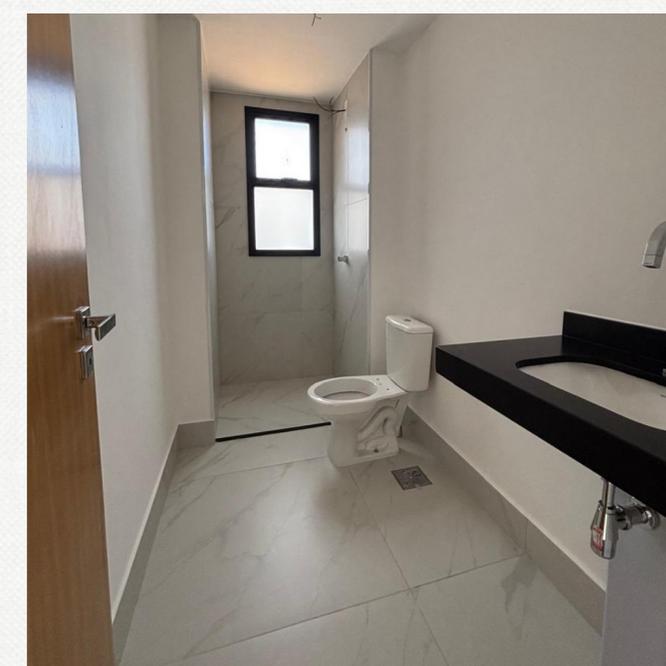
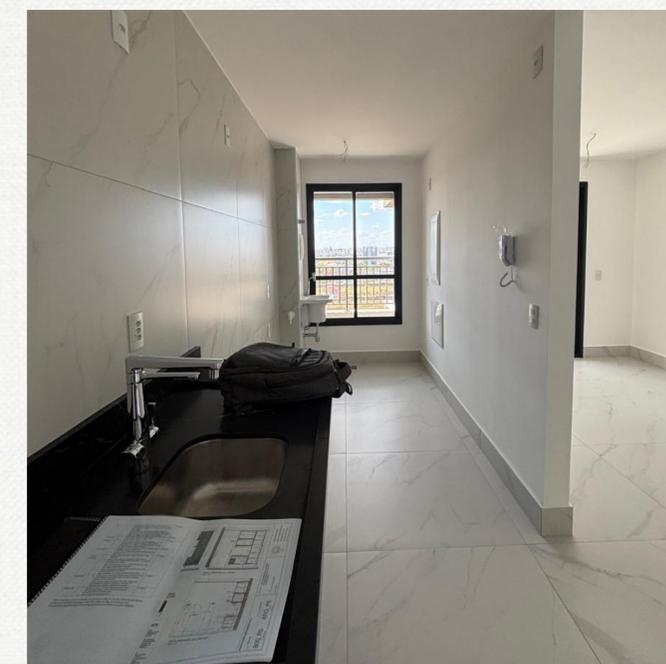
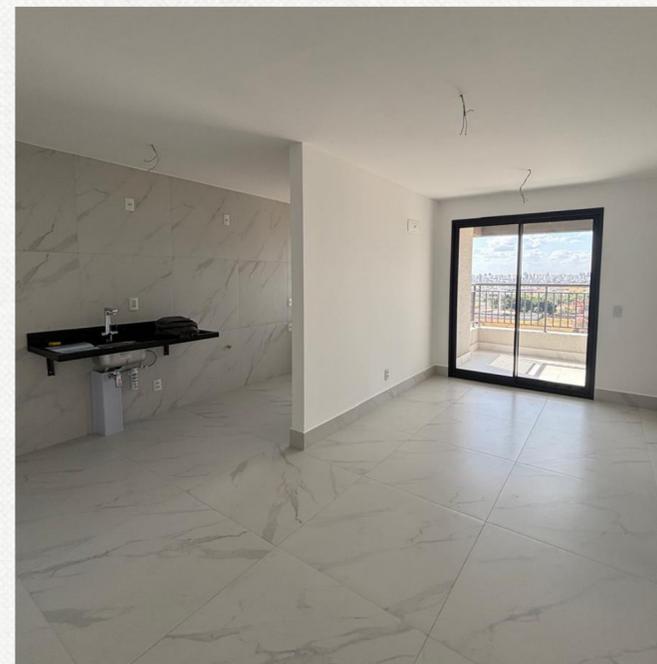
Categoria	Palavras-chave / Síntese
Perfil	43 anos • Uberlândia • Influenciadora • RH • Acidente 1993 • Lesão medular (10 anos) • Filha Clarisse (12 anos) • Cadeira manual sob medida
Hobbies e Interesses	Cozinhar • Cinema • Filmes • Viajar • Receber amigos
Esportes	Natação (2006–2019) • Academia • Levantamento de peso
Moradia	Apto 66 m ² • Portas acessíveis • Mora com filha • Considera acessível
Adaptações	Vaso sanitário elevado • Pia vazada • Sofá elevado • Poucos móveis
Rotina	Home office no sofá • Flexível • Aula de inglês • Func. quinzenal • Busca/leva filha
Treino em Casa	Não realiza • Falta espaço/equipamentos • Deseja barras e pesos
Dificuldades	Giro no banheiro (sonho) • Desnível sala • Tapetes/aspirador fio • Quedas (cozinha/banheiro)
Desejos e Prioridades	Circulação ao redor da cama • Quarto maior • penteadeira • Área gourmet • Quarto visitas • Autonomia total no banheiro
Ambientes-chave	Sala (conviver com filha) • Banheiro (funcionalidade)
Estética e Bem-estar	Plantas • Verde • Madeira • Iluminação amarela (banheiro branca) • Estética importante • Aconchego
Mobiliário e Layout	Mesa redonda pé central • Poucos móveis • Chaises • Usa rodo p/ armários altos
Cozinha	Cozinha sempre • Geladeira prática • Armários inacessíveis • Deseja portas de correr
Banheiro	Pouco acessível • Sem barras (acha feias) • Quedas ao sair de ré
Tecnologia	Evita automação (sedentarismo) • Interessa-se por máquina de lavar inteligente • Assistentes de voz futuramente
Recomendações	“Ambiente bonito + funcional” • Cadeira é detalhe • Estética nas adaptações

3.2 O APARTAMENTO ESCOLHIDO

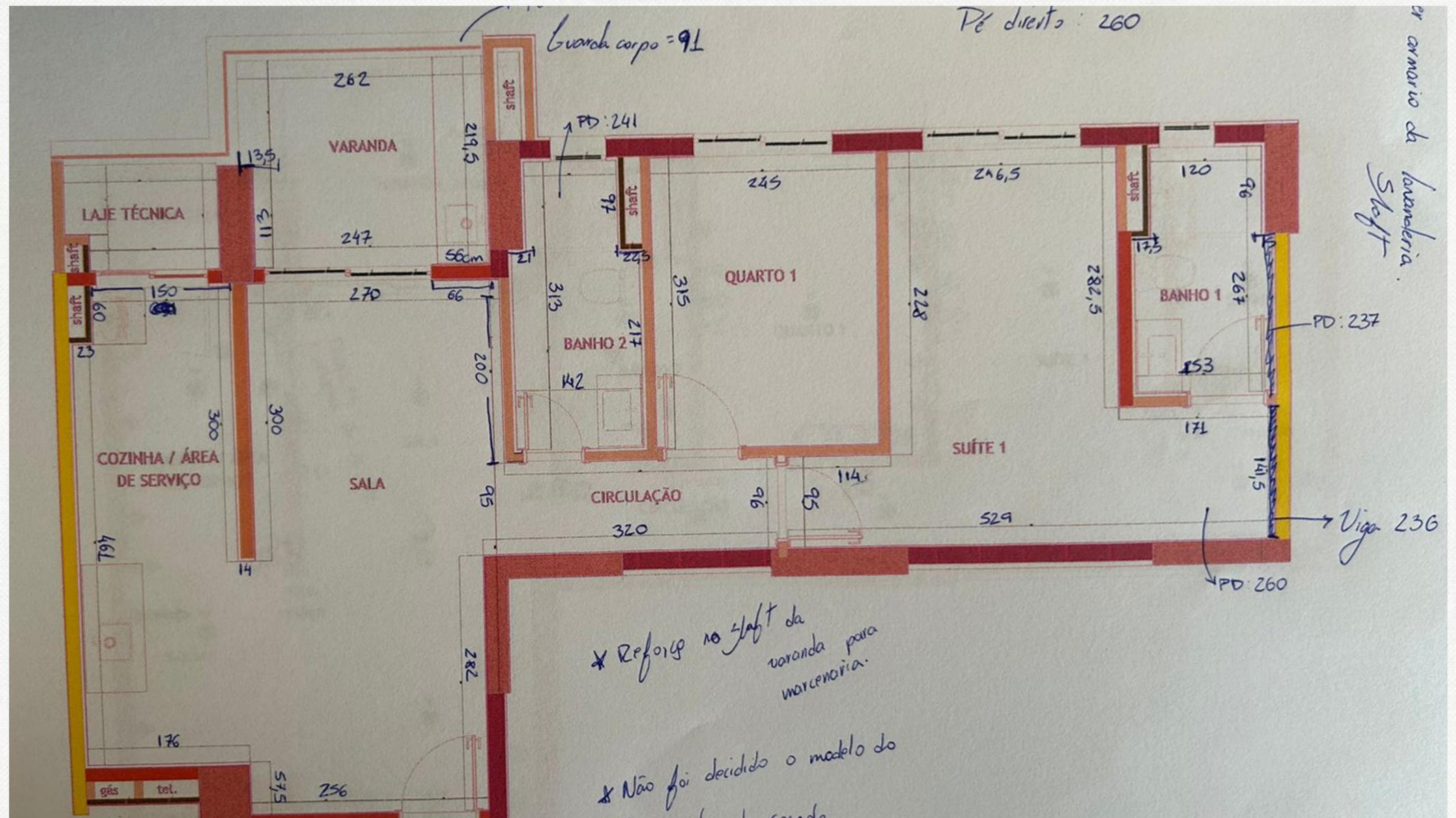
Com o cliente definido, a etapa de descoberta avançou, e ficou evidente que a habitação deveria ser o novo alvo de investigação, visto que, para começar a esboçar o projeto ideal, um espaço se faria necessário.

Definir o apartamento em questão não foi um problema, pois foi justamente uma visita técnica à nova residência de uma cliente, durante atuações no escritório, que serviu de inspiração para a definição do tema deste trabalho. O local cogitado desde o início é um apartamento no edifício Chess, da Brasal Incorporações, localizado na Alameda Pastor José Domingos de Oliveira, número 90, no bairro Jardim Sul, em Uberlândia. A unidade está situada na torre Nero e possui final 3, apresentando aproximadamente 77 m² de área útil.

Após conversar com Letícia Maria, arquiteta-chefe do escritório, a permissão para utilizar as informações do apartamento neste trabalho foi concedida pela cliente, contanto que esta não fosse identificada. Assim, foi possível utilizar as anotações de medidas registradas durante o levantamento inicial, procedimento padrão do estúdio, realizado pelo próprio autor deste trabalho em conjunto com sua parceira.



Figuras 26, 27, 28, 29, 30 e 31 – registros de mídia realizados no apartamento de final 03 em 14 maio. 2025 . Fonte: Arquivo pessoal do autor



Figuras 32 e 33 – registros de mídia realizados no apartamento de final 03 em 14 maio. 2025 .
 Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 34 – Medição registrada em papel realizada no apartamento de final 03 em 14 maio. 2025 .
 Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

A motivação para a escolha desta habitação surgiu a partir de observações feitas durante essa primeira medição, realizada no mês de maio (2025). Apesar de apresentar metragem relativamente confortável para comportar Letícia e Clarisse, é possível observar, por meio da planta técnica e da visita realizada, que o desenho desse apartamento não considerou usuários de cadeira de rodas durante sua concepção. Além de possuir uma planta humanizada com mobiliários que atrapalham o fluxo da cadeira, a unidade tem um perfil oblongo, cujas alvenarias formam corredores longos e estreitos, impossibilitando o giro da cadeira em qualquer grau.

Como exemplo, pode-se citar a disposição da área de serviço e da suíte master na planta humanizada, nas regiões marcadas em vermelho. Na área de serviço, localizada ao final da cozinha, há um corredor que, com a disposição das bancadas em marmoraria e eletrodomésticos, deve possuir cerca de 90 cm de largura. Embora essa medida atenda à ABNT NBR 9050:2020, que define a largura mínima para corredores de circulação, ela não considera as atividades diárias que serão realizadas nesse espaço. Abrir a porta de uma lava e seca nesse corredor, por exemplo, compromete o uso simultâneo das bancadas e dos eletrodomésticos adjacentes. Além disso, a orientação em que a moradora precisa permanecer nessa região é imutável, já que, apesar de utilizar uma cadeira menor que o padrão, o espaço não permite o giro em nenhum grau.

Na suíte master, embora o layout pareça inicialmente amigável, ele restringe toda a área próxima à janela. A faixa de circulação em frente à cama, considerando o tamanho usual desse mobiliário, possui apenas 40 cm, o que é insuficiente para a passagem da cadeira.



Essas observações se repetem em outros cômodos e áreas de transição, e demonstram que a metragem, embora pareça inofensiva, esconde problemas em seu desenho que podem comprometer a autonomia na rotina. Para o usuário da cadeira de rodas, esse tipo de limitação afeta não apenas suas capacidades funcionais, mas também seu bem-estar, já que esses espaços restritivos podem causar a sensação de dependência e insuficiência. Por isso, o design de interiores se apresenta como a ferramenta de transformação ideal, capaz de reorganizar o ambiente para corrigir seus fluxos, garantir sua acessibilidade e, ao mesmo tempo, proporcionar um

lar que reflita a identidade do morador.

Essa análise reforça a escolha do apartamento como estudo de caso para o desenvolvimento do presente TCC, que busca justamente propor soluções regenerativas e acessíveis para promover independência e qualidade de vida às moradoras.

A etapa de descobertas chega ao fim, e traz ênfase à importância das diretrizes projetuais para se conceber um lar ideal. Tais diretrizes serão identificadas e registradas na fase seguinte.

Figura 35 – Apartamento de final 3 no edifício Chess - Brasal Incorporações, demonstração de inviabilidade de circulação para pessoas cadeirantes. Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

4. DEFINE

“Os insights obtidos na fase de descoberta podem ajudar você a definir o desafio de uma maneira diferente.”

“The insight gathered from the discovery phase can help you to define the challenge in a different way.”

A etapa de definir nasce da organização e otimização das informações adquiridas durante a fase anterior, a fim de condensar a pesquisa em um enunciado claro e objetivo para o problema em questão. Esse processo atuará como um decantador, que visa separar as ideias mais relevantes, e afunilar o olhar do designer direto nas necessidades prioritárias do usuário. O Design Council (S.D) evidencia a quantidade de foco e síntese que esse momento exige, fundamental para reduzir a complexidade do problema enquanto se define os aspectos essenciais que não devem se perder nas próximas etapas.

Em vista de enriquecer a esta etapa, foi definido o layout final do apartamento, e também foram determinados também, as cores e materialidades de interesse principal de Letícia para a concepção de seu apartamento dos sonhos. Em seguida, as diretrizes projetuais nasceram com base nas necessidades específicas da moradora, observadas durante esta fase.

4.1 LAYOUT

Reflexão sobre o fluxo do dia a dia

Com as moradoras, o espaço e as necessidades definidas, foi hora de colocar a ideia no papel. Para iniciar a criação, o software utilizado foi o SketchUp 2025, pois sua capacidade de levantar e movimentar volumes permite que o fluxo de trabalho seja fluido e rápido. Assim, o apartamento foi modelado em 3D a partir da medição inicial feita no papel, e os elementos construtivos foram identificados por cores.

PRIMEIRA MODELAGEM GERAL DO APARTAMENTO

- POSSIBILIDADES DE LAYOUT
- POSSIBILIDADES DE REFORMA NA ALVENARIA

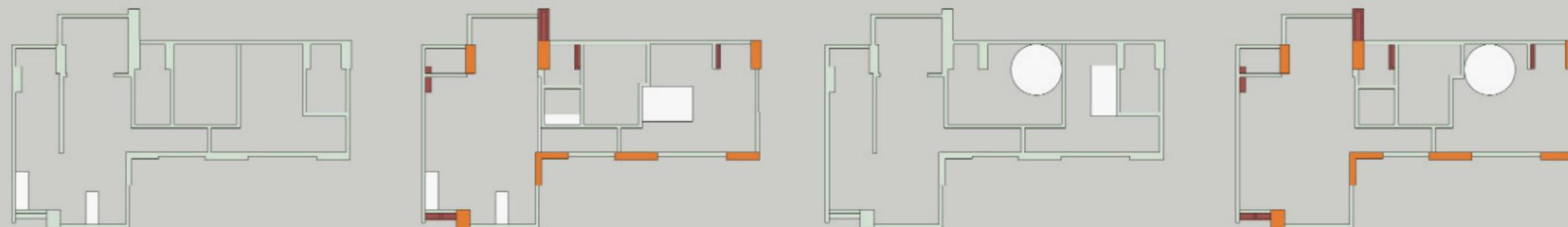


Figura 36 – Registro no Miro do levantamento inicial do apartamento, vista superior. Testes de possíveis layouts.
Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Depois do levantamento inicial da planta baixa no SketchUp, foram criados volumes em 3D para representar marcenaria, marmoraria e mobiliário, também identificados por cores distintas. Essas volumetrias possibilitaram a visualização de diferentes composições no mesmo espaço, ampliando as possibilidades de disposição e, conseqüentemente, as chances de atender a todas as necessidades de Letícia. Ao todo, foram criados quatro layouts diferentes para a mesma unidade, todos com foco no respeito à circulação da cadeira de rodas e no uso de móveis planejados que suprissem as necessidades de apoio e armazenamento no cotidiano.

A primeira opção previu uma mesa na varanda para home office, com luz natural e vista livre, além de um quarto para Clarisse com cama elevada para proporcionar mais espaço. Também foi pensada a ampliação da suíte master, que comportaria uma cama arredondada para facilitar o acesso em ambos os lados, bem como a circulação. Nessa versão, a pia seria deslocada para fora do banheiro, ampliando a área de banho.

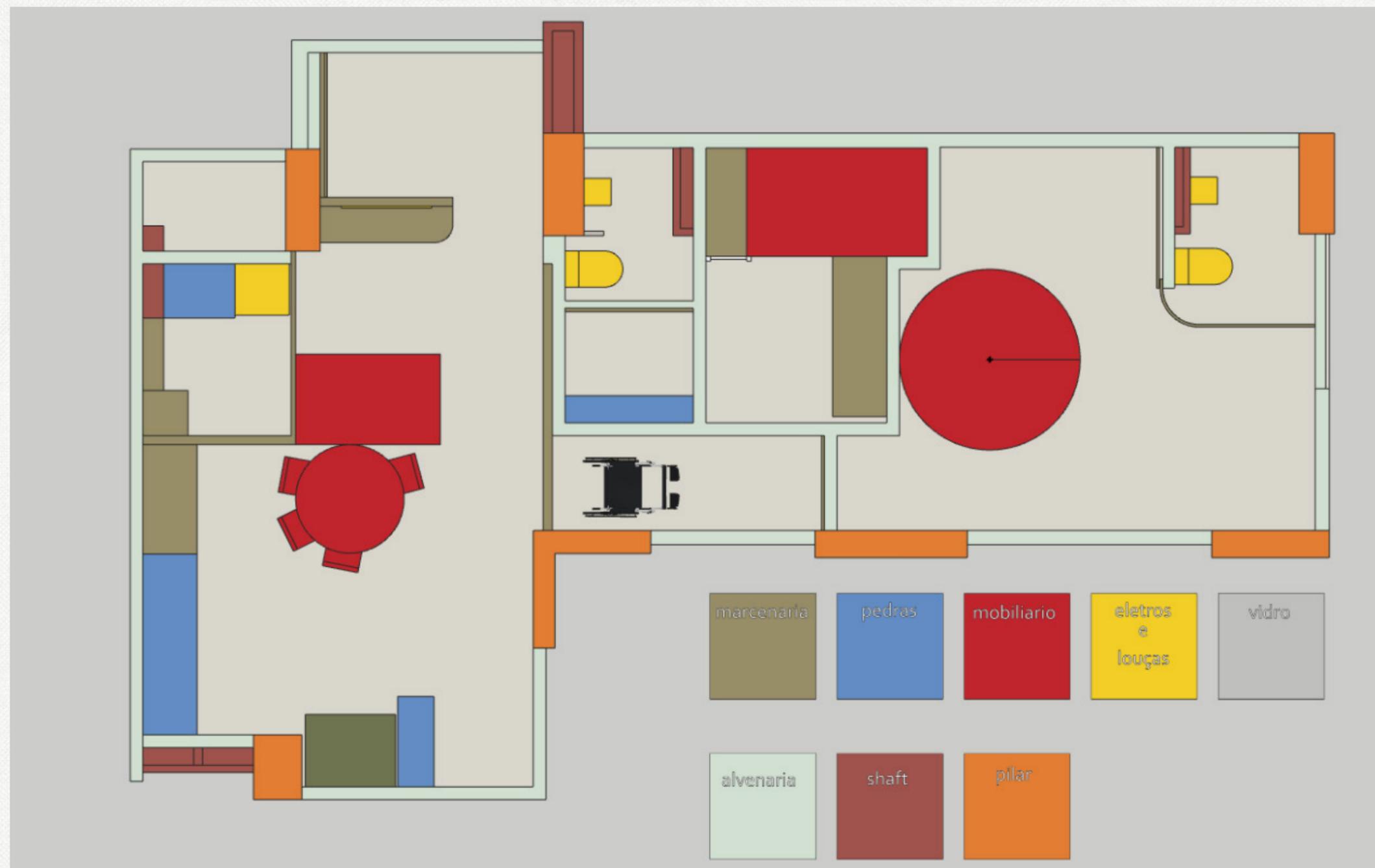


Figura 37 – Concepção de layout 01, com legenda de cores da maquete.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Na segunda opção, as zonas sociais foram invertidas. O ponto de água fria na varanda permitiu que a cozinha fosse deslocada para esse espaço, aproveitando a vista, enquanto a sala de TV foi isolada no canto para que o sofá-cama não comprometesse a circulação nos demais ambientes. O quarto de Clarisse foi planejado com a cama próxima ao chão, em uma marcenaria que cobria metade do armário, liberando espaço para uma grande escrivaninha. A suíte master manteve a cuba fora do banheiro, mas, sem ampliação da área, a cama foi posicionada encostada na parede, com uma escrivaninha e penteadeira ao lado.

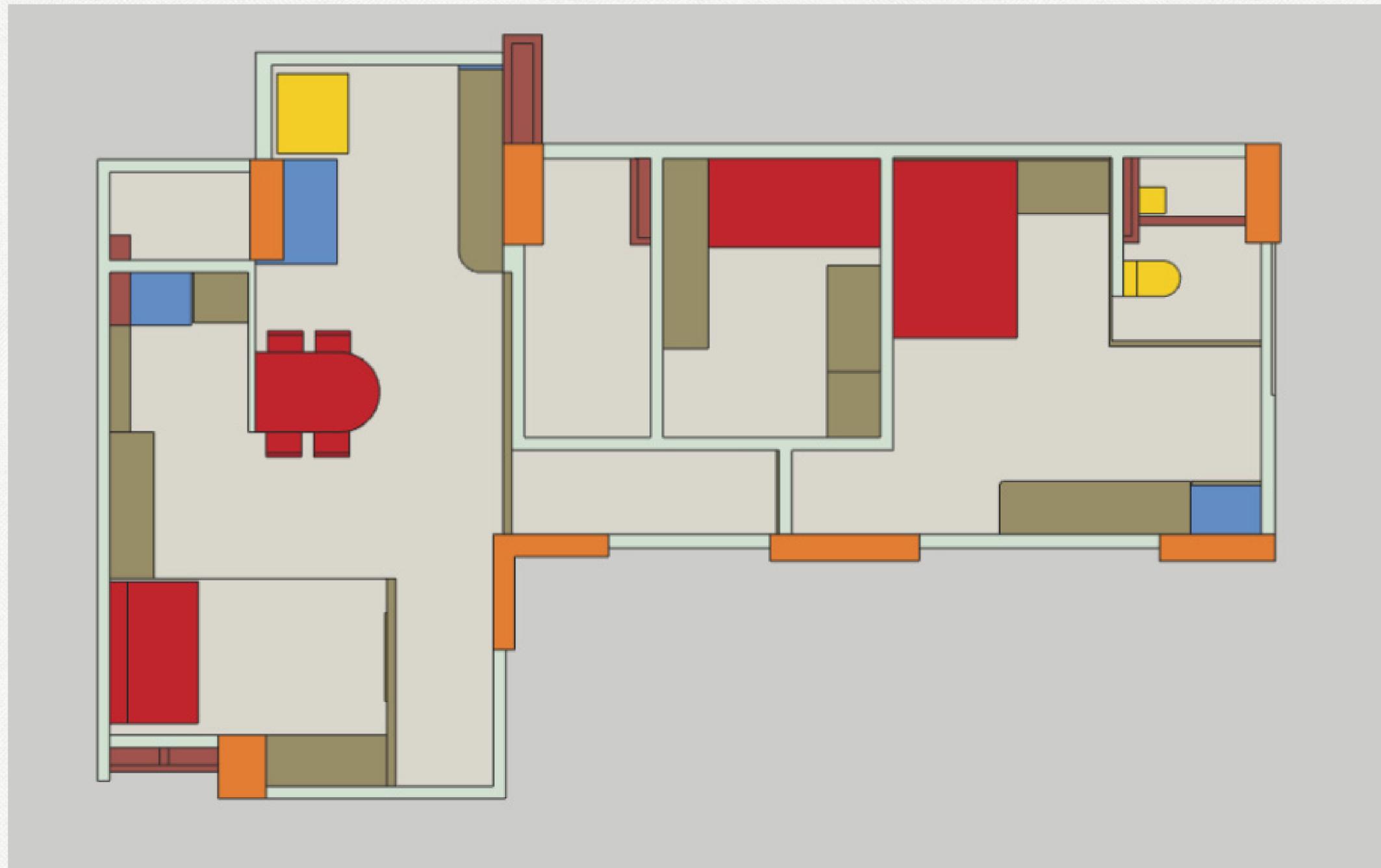


Figura 38 – Concepção de layout 02.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

O terceiro layout propôs transformar a maior região do apartamento na área privativa de Letícia, oferecendo mais fluidez em sua rotina. A varanda foi convertida em banheiro da suíte, com a inclusão de uma banheira. Entretanto, o vaso sanitário teria que ser compartilhado com Clarisse, pois não poderia ser realocado sem comprometer a unidade vizinha. Assim, o cômodo que antes era suíte master passou a abrigar a cozinha, a área social e a área de serviço. Apesar das limitações estruturais, essa versão foi apresentada para colher o máximo de feedback da usuária.

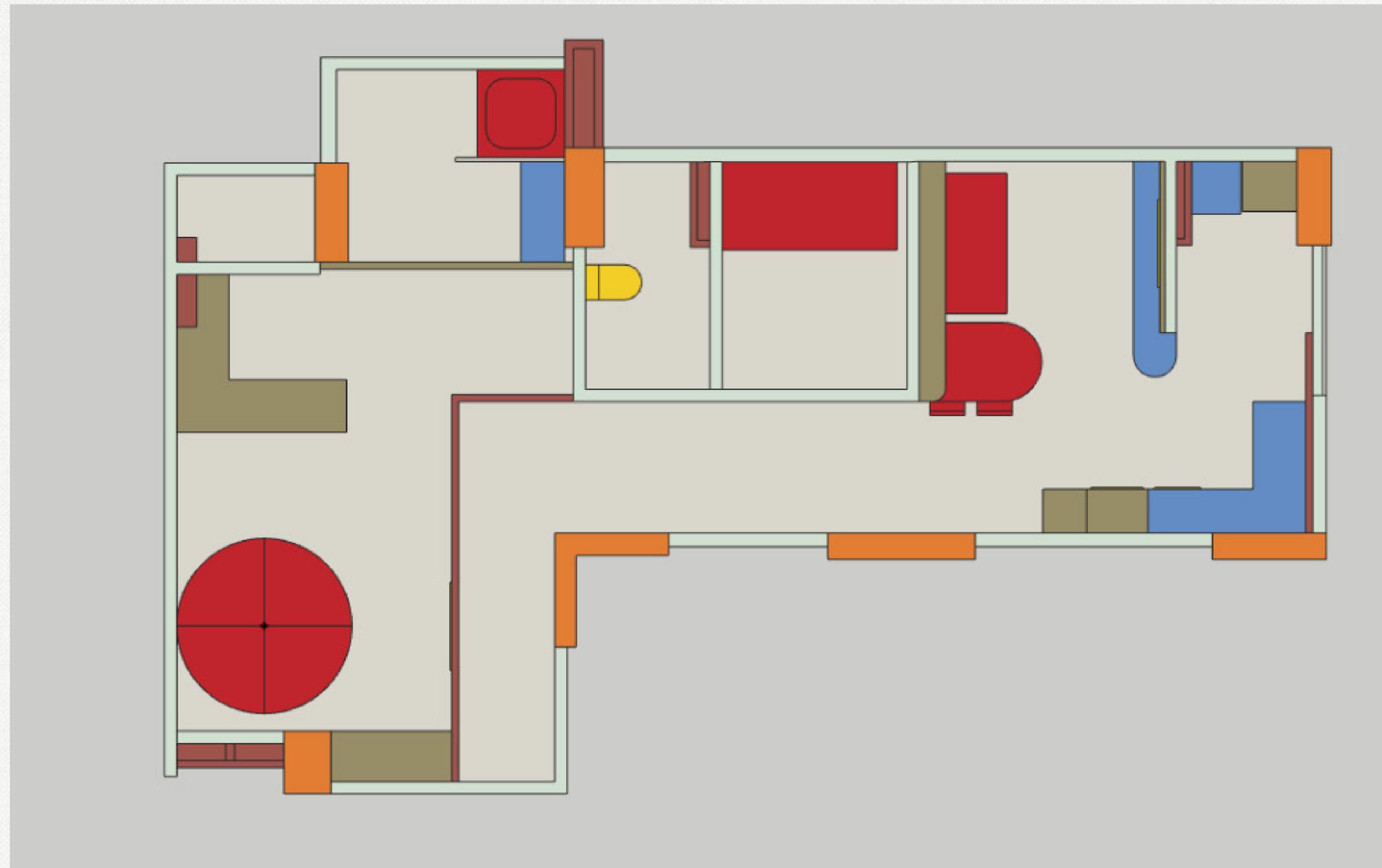


Figura 39 – Concepção de layout 03.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Na quarta proposta, as paredes da área social foram removidas para promover integração total, mantendo apenas um shaft para a TV, que dividia a cozinha e a sala e criava um circuito circular para a circulação da cadeira. A sala de jantar foi disposta na varanda, privilegiando as refeições com vista para a cidade. O quarto de Clarisse recebeu um armário maior, em troca de uma escrivaninha menor, e na suíte master foi adicionado um baú sob a cama para ampliar o espaço de armazenamento.

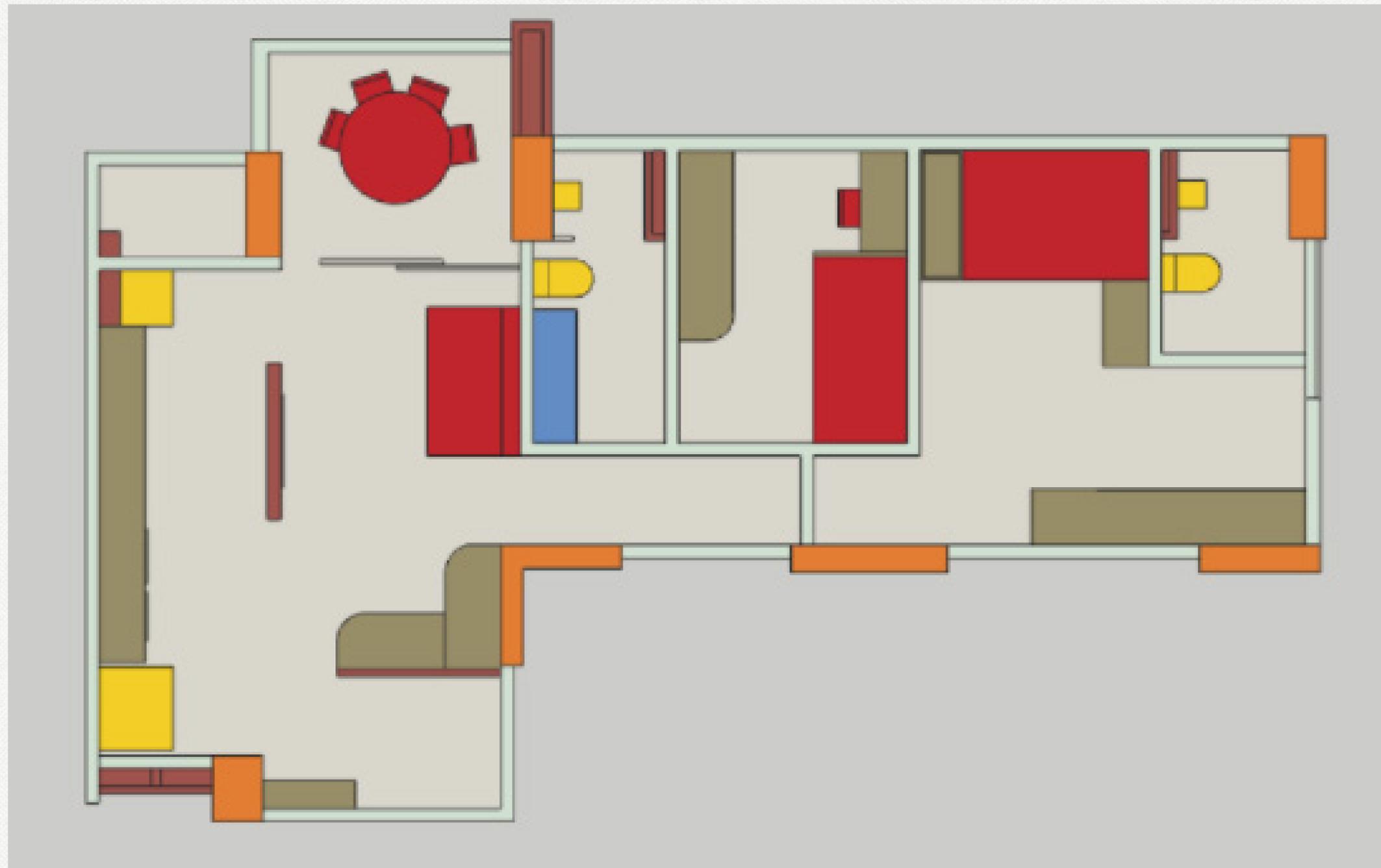


Figura 40 – Concepção de layout 04.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Seguindo as diretrizes do design centrado no usuário, todas essas alternativas foram apresentadas a Letícia, para que ela indicasse os pontos positivos e negativos de cada uma, além de sugerir novas possibilidades baseadas em seus gostos e vivências. Um segundo encontro foi marcado para a apresentação das maquetes.

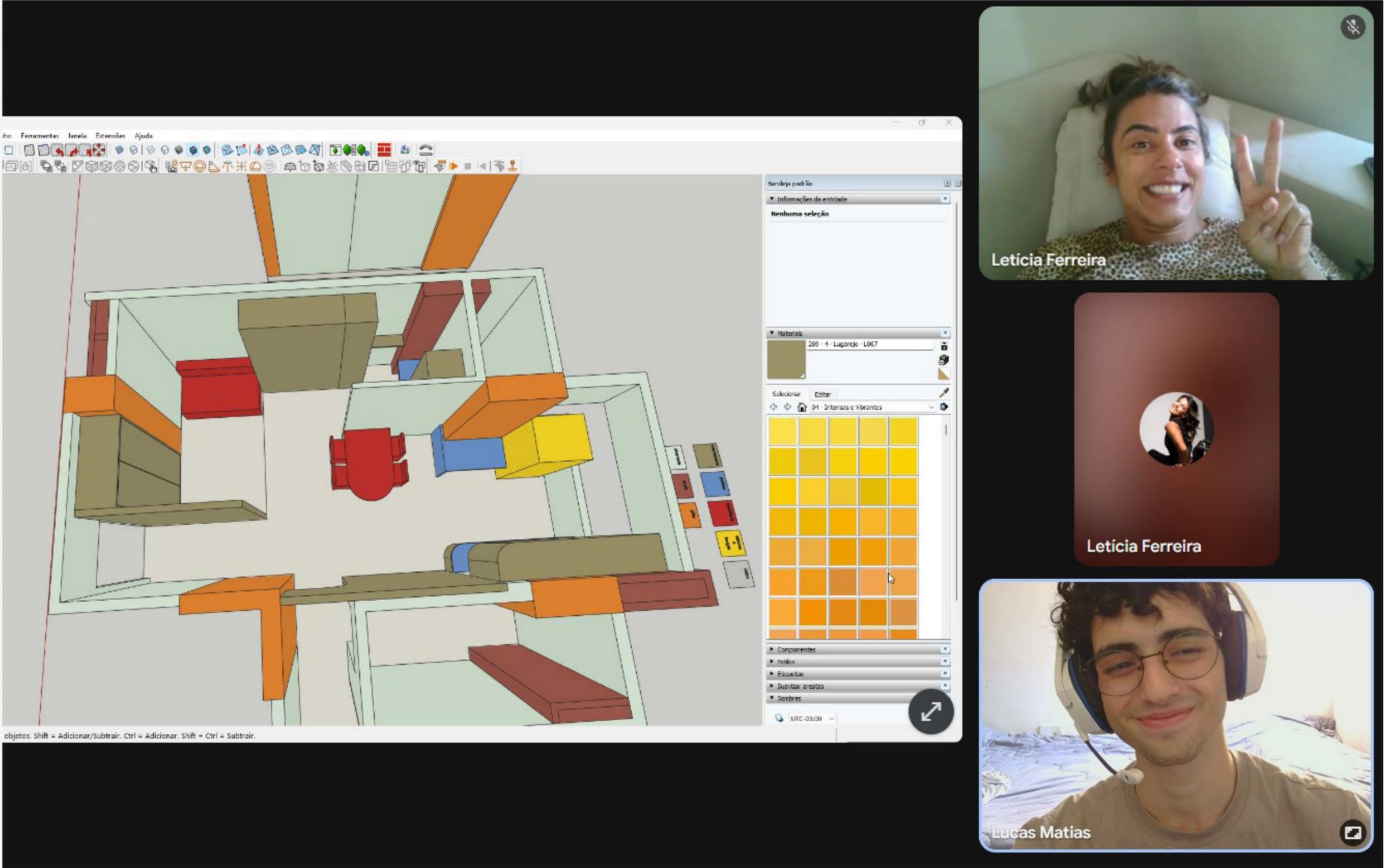


Figura 41 –Segunda reunião online com Letícia, apresentação dos layouts.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

De início, Letícia se empolgou com as diferentes alternativas. Ao longo da conversa, demonstrou preferência por cômodos de layouts distintos: gostou do fluxo e da cozinha na varanda do layout 02, mas também da suíte master e do banheiro americano propostos para o quarto de Clarisse. O terceiro layout foi completamente descartado, tanto pela inviabilidade estrutural quanto pela preferência da cliente de manter áreas de interação social. Já o quarto layout foi mantido como possibilidade para futuras adaptações.

Todas as propostas foram apresentadas a Letícia, que avaliou os pontos fortes e fracos de cada uma. A partir do diálogo, foi possível combinar elementos favoritos, como a cozinha na varanda, a suíte master mais funcional e a escrivaninha para Clarisse, em um layout final que unia funcionalidade, acessibilidade e identidade. Então, durante a própria reunião, foi modelado um novo modelo do apartamento, resultante da combinação dos pontos em destaque que mais agradaram a moradora.

Essa etapa reafirmou a importância da participação ativa do usuário no processo projetual, de forma a garantir que o resultado final fosse não apenas tecnicamente viável, mas emocionalmente significativo, transformando o apartamento em um espaço verdadeiramente inclusivo.

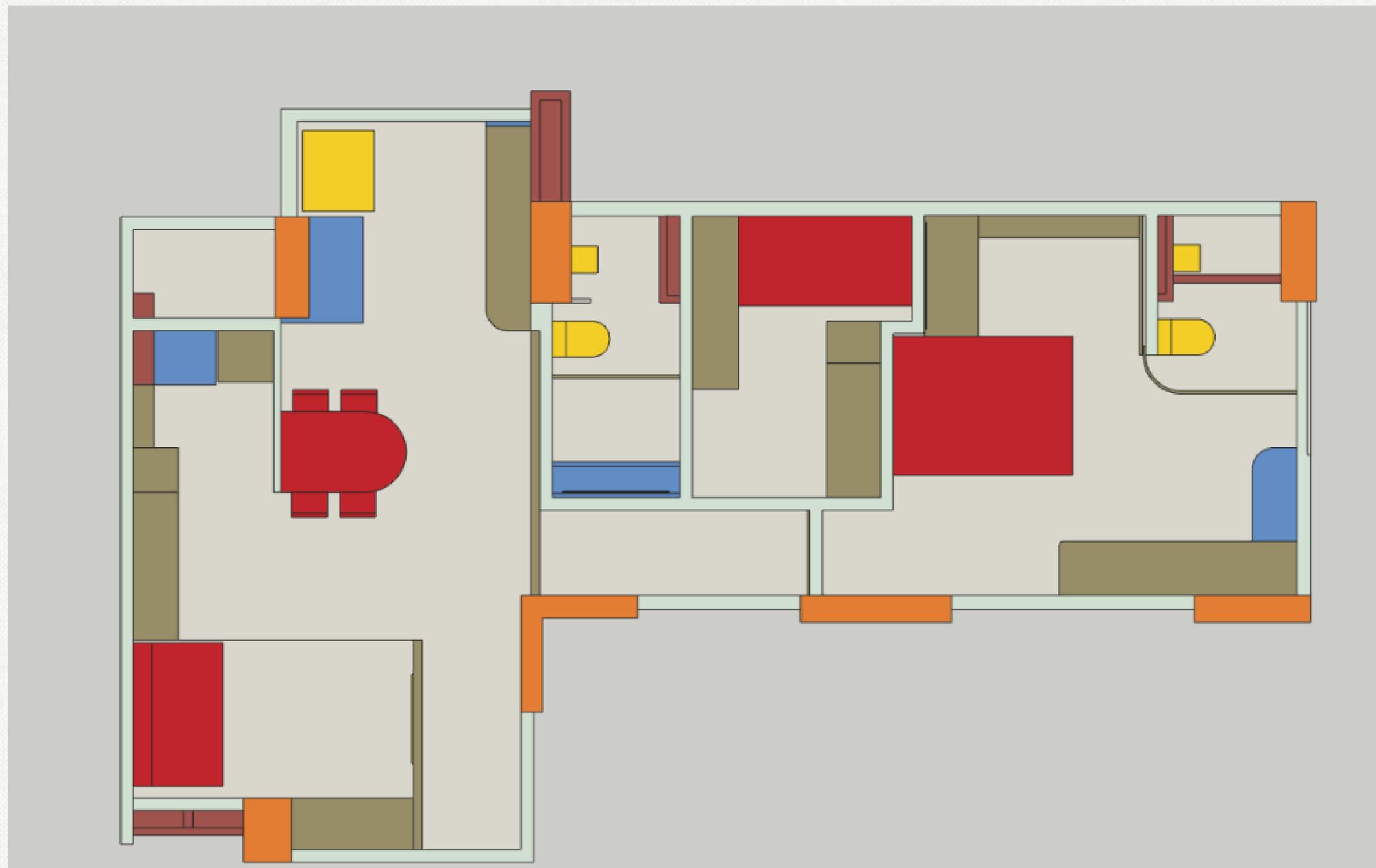


Figura 42 – Layout final do apartamento.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

4.2 MOODBOARD

Traduzindo sensações

Com o layout finalmente definido, a etapa de definir avança para a seleção de cores, materiais e acabamentos. Para esta reunião, foi elaborada uma apresentação em slides com várias imagens de referência para cada um dos cômodos estabelecidos com Letícia: área social, cozinha, lavabo, suíte master e quarto de Clarisse. As referências foram selecionadas com base no perfil de ambas as moradoras, e foram buscadas inspirações em projetos que comunicassem conforto e naturalidade, e que dialogassem com a ideia de um lar acolhedor e funcional.

Durante a reunião, Letícia interagiu com cada slide, e definiu quais referências condizem com suas preferências e deveriam ser incorporadas em seu projeto, e quais deveriam ser evitadas. Ficou claro que suas preferências giram em torno de interiores com muita madeira presente, além de texturas de linho branco ou colorido, tramas em palhinha e concreto aparente nas paredes. Em relação às cores, sua preferida é verde, e foi a única que a influencer abertamente mostrou interesse em usar sem moderação no apartamento, além da presença de muitas plantas naturais. Para ela, o projeto deveria transmitir a sensação de um apartamento aconchegante e fechado, mas ao mesmo tempo natural e funcional.

Os slides oficiais podem ser encontrados no Anexo 02, e a seguir, seguem as anotações tomadas logo após a entrevista, para registrar o que Letícia mais gostou e desgostou nas referências selecionadas:

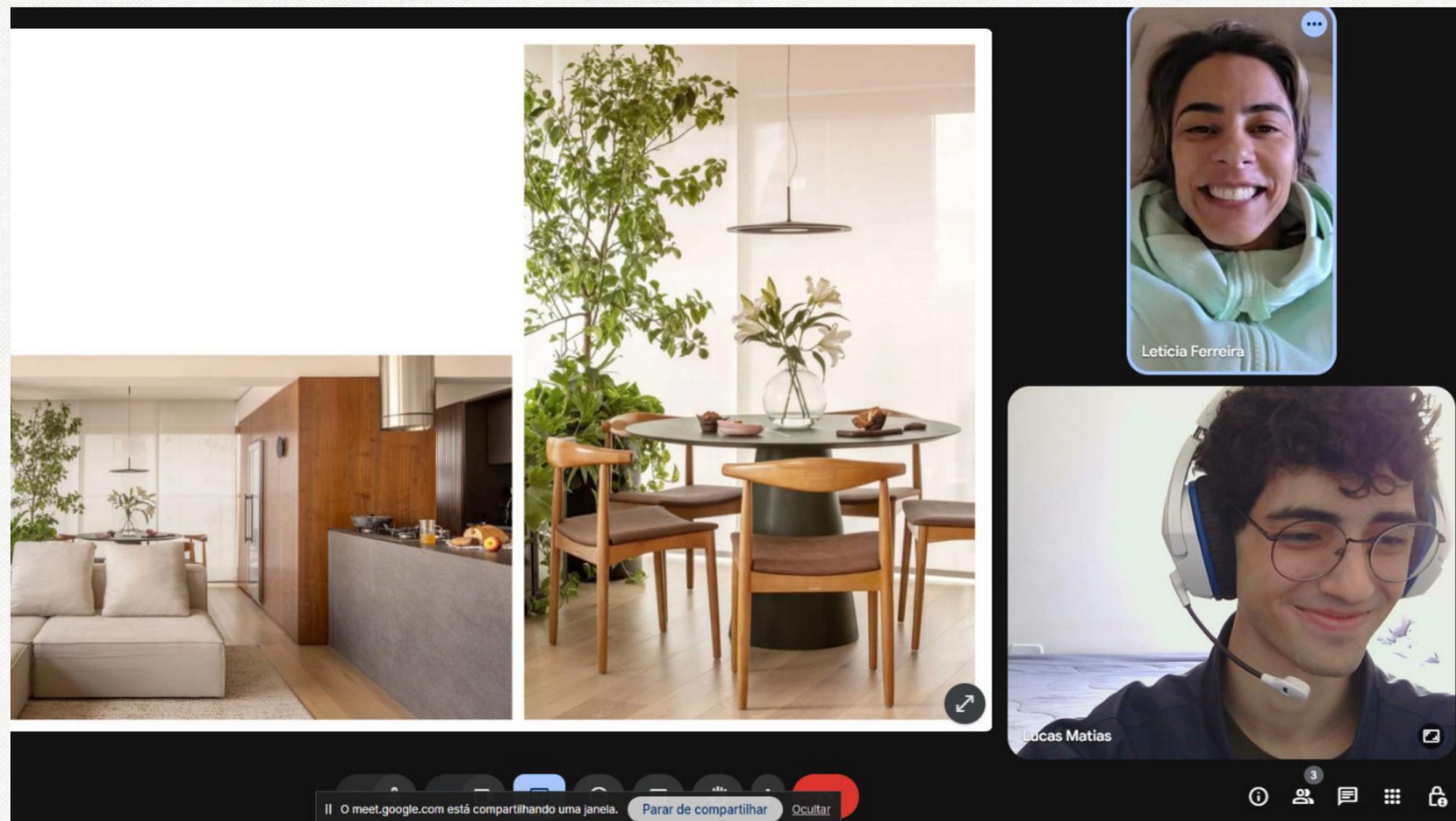
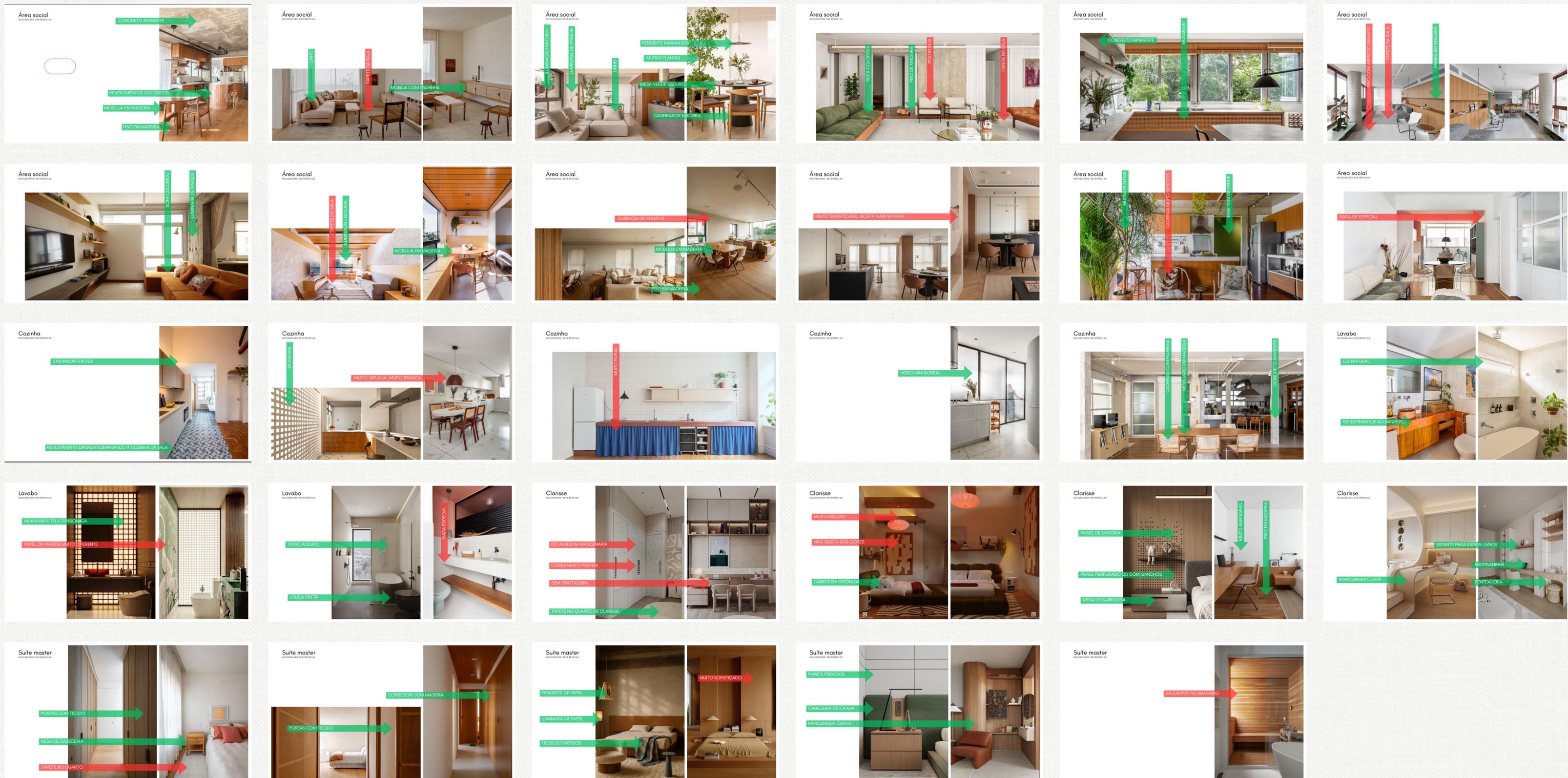


Figura 43. – Terceira reunião online com Letícia, apresentação de moodboard e referências.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)



Figuras 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72 e 73. – Anotações sobre preferências de Letícia por cima do moodboard. Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Área social

MOODBOARD REFERÊNCIAS



Figura 74 – Anotações sobre preferências de Letícia por cima do moodboard. Referência mais relevante.
Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Algumas das escolhas se deram pelas necessidades práticas da rotina de Letícia. Por exemplo, ela acrescentou às diretrizes, sua preferência por revestimentos, acabamentos e louças escuras ou pretos no banheiro, a fim de disfarçar as marcas das rodas da cadeira quando estão molhadas, bem como por pedras de acabamento fosco nas bancadas, que combinam com o acabamento acetinado dos pisos antiderrapantes. No mobiliário, adorou a ideia de uma cabeceira estofada para a suíte master e guarda-roupas sem portas de vidro para esconder possíveis bagunças. O tecido para o sofá cama será preferencialmente revestido com linho claro ou colorido, puxado para tons de verde. Outro ponto importante foi o pedido por formas orgânicas, que além de agradarem esteticamente, facilitam a circulação e reduzem o risco de colisões.

Para complementar mais, Letícia apontou alguns elementos que não gostaria de ver no projeto. Rejeitou a presença de pisos polidos e gelados ao toque, por serem termicamente desconfortáveis e potencialmente escorregadios. Também pediu para evitar pedras marmorizadas por não gostar dos veios, excessos de cinza ou branco nas mobílias e nas paredes, e tapetes na sala e na suíte master, já que poderiam comprometer a circulação da cadeira ou causar acidentes.

A reunião resultou em uma visão clara da linguagem estética a ser adotada no projeto, unindo funcionalidade, segurança e identidade. As imagens selecionadas foram mantidas como guia para a fase de desenvolvimento, garantindo que cada escolha de material ou cor reflita o gosto pessoal da cliente e contribua para a construção de um lar acolhedor, coerente e inclusivo para Letícia e sua filha.

4.3 DIRETRIZES PROJETUAIS

Então, a fase de definir é finalizada com as diretrizes projetuais. A partir da definição do layout, dos materiais, cores e acabamentos, assim como o conhecimento das necessidades da usuária, esses critérios surgem de forma natural para guiar as etapas do processo de desenvolvimento. Essa conduta é uma consequência direta dos processos anteriores e condensa as decisões tomadas junto à usuária, de forma que transforma as preferências e as necessidades identificadas, em parâmetros técnicos. No design de interiores, as diretrizes projetuais são fundamentais porque fundam base sólida para todas as escolhas subsequentes, evita que o projeto se afaste dos objetivos definidos e garante alinhada ao estilo de vida das moradoras.

Seguem as diretrizes registradas de acordo com os processos anteriores.

A consolidação das diretrizes projetuais sintetiza a etapa Definir, transforma as observações e preferências coletadas nas fases de descoberta e definição em parâmetros claros à serem replicados no trabalho proposto. Este processo garante que o desenvolvimento do projeto seja direcionado por decisões coerentes, que respeitam simultaneamente a acessibilidade, a identidade da usuária e a estética desejada. Agora o apartamento é encaminhado para a fase de desenvolvimento, onde a partir das premissas coletadas sobre mobiliário, materialidade e ambientação, o espaço ganhará vida.

SÍNTESE DE DIRETRIZES

Funcionalidade e Acessibilidade

- Piso contínuo, sem desníveis ou batentes, garantindo fluidez no deslocamento da cadeira.
- Eliminação de tapetes e cortinas de tecido que possam enroscar na cadeira.
- Esquadrias alinhadas e embutidas para não gerar obstáculos de circulação.
- Rampas suaves em áreas molhadas, substituindo batentes.
- Garantir áreas de manobra suficientes nos corredores e banheiros, incluindo o “sonho da usuária”: permitir giro completo da cadeira no banheiro.
- Portas de correr coplanares para otimização de espaço e acabamento refinado.
- Ferragens especiais para abertura facilitada de portas e armários.
- Bancada de cozinha na altura de mesa (75 cm), permitindo preparo de alimentos e refeições rápidas.
- Pias com área vazada para encaixe de pernas e sifão articulado.
- Eletrodomésticos posicionados na altura do rosto, evitando esforço excessivo.
- Acesso garantido a todos os lados da cama da suíte master, permitindo circulação completa.
- Móveis sem quinas vivas, com cantos arredondados para reduzir risco de colisões.
- Espelho inclinado para melhor usabilidade.
- Roupeiro com cabideiro automatizado para facilitar o alcance de roupas.
- Lavabo com bancada escultural, integrando estética e funcionalidade.

Rotina e Estilo de Vida

- Espaço acolhedor para o café, considerado ritual importante para a usuária.
- Cozinha adaptada para quem gosta de cozinhar, com bancada profunda, calha úmida e torneira posicionada na frente da pedra.
- Espaço social agradável para receber visitas, sem comprometer circulação da cadeira.
- Fechamento da lavanderia, integrando-a à cozinha de forma organizada.
- Quarto de Clarisse com formas orgânicas, guarda-roupa sem vidro e criado-mudo para funcionalidade.
- Inclusão de sofá-cama, para acolher visitas de forma confortável.

Materiais e Estética

- Preferência por concreto aparente, fibras naturais (palhinha) e pedras foscas.
- Evitar marmorizados, excesso de cinza e branco.
- Valorização de pontos de cor e predominância de tons de verde, integrando vegetação natural.
- Uso de madeira e acabamentos amadeirados para criar sensação de aconchego.
- Iluminação quente nos ambientes sociais, promovendo conforto visual.
- Revestimentos escuros no banheiro para disfarçar marcas de rodas da cadeira.
- Evitar barras metálicas aparentes, optando por soluções integradas ao design.
- Uso de formas orgânicas em mobiliário e revestimentos, suavizando a circulação.

Aconchego e Pertencimento

- Inserção de vegetação em diferentes pontos do apartamento.
- Janelas e aberturas em altura adequada para permitir contemplação do céu, do pôr do sol e da lua.
- Iluminação amarela nas áreas de convivência, equilibrada por luz clara nos banheiros.
- Organização fluida entre ambientes sociais, reforçando a convivência entre mãe e filha.
- Integração entre estética e funcionalidade para que o apartamento seja percebido como lar, e não apenas como espaço acessível.

Tabela 3 – Tabela síntese das diretrizes projetuais
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

5. DEVELOP

“O segundo diamante incentiva as pessoas a darem respostas diferentes para um problema claramente definido, buscando inspiração em outros lugares e co-criando com diversas pessoas diferentes.”

“The second diamond encourages people to give different answers to the clearly defined problem, seeking inspiration from elsewhere and co-designing with a range of different people.”

—DESIGN COUNCIL. The double diamond: a visual representation of the design and innovation process. [S.l.]: Design Council, 2004-2025. Disponível em: <https://www.designcouncil.org.uk/our-resources/the-double-diamond/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

A fase de desenvolvimento representa a segunda metade divergente dos diamantes, e corresponde ao momento de concepção de múltiplas alternativas para a questão. Nela, diferentes soluções são postas à mesa para que possam ser testadas em colaboração, considerando que a inovação surge do cruzamento de ideias diversas. O Design Council (S.D) enfatiza que esta etapa envolve prototipagem, testes e refinamentos constantes, de forma que as ideias promissoras continuem em local de destaque, e que as menos relevantes sejam gradativamente postas de lado. A produção em conjunto com o usuário também permite com que o feedback ocorra em tempo hábil, simultâneo ao desenho da habitação, de forma a garantir que não haverá pontas soltas na entrega final do apartamento.

No presente trabalho, essa etapa se concentrou no aprofundamento das decisões tomadas na fase anterior, com foco na representação gráfica das soluções definidas e na compatibilização de todos os elementos de projeto. Foi elaborada uma linha de raciocínio, responsável por conduzir o projeto de forma hierárquica dos elementos de maior volume, aos de menor volume, sem perder nenhum detalhe. Essa etapa também consolidou o partido projetual e registrou as escolhas que compõem a identidade do apartamento.

PARTIDO PROJETUAL

Com a definição do layout, das diretrizes projetuais e da identidade estética estabelecidas na etapa anterior, o processo de desenvolvimento foi conduzido de forma

sistemática e criteriosa, respeitando a lógica construtiva de um projeto centrado no usuário e priorizando a fluidez espacial. Essa etapa marca o momento em que as ideias começam a ganhar corpo no espaço tridimensional, permitindo visualizar e validar as soluções propostas. Para garantir clareza e objetividade no desenvolvimento, o projeto foi dividido em quatro fases sucessivas: circulação, marcenaria e marmoraria, mobiliário e eletrodomésticos e, por fim, iluminação. Cada uma dessas fases foi elaborada de maneira integrada, de forma que o resultado final fosse coerente e harmonioso.

As etapas de descobrir e definir construíram a fundação para que a fase de desenvolvimento pudesse ser levantada de maneira sólida e criteriosa, pautada nos elementos de prioridade já observados. No momento de projetar o interior do apartamento propriamente dito, isto é, dar nome aos mobiliários e materiais, e às formas e padrões, foi estabelecida uma hierarquia de definições, que se baseou na importância de cada componente e na sua capacidade de comprometer ou enriquecer a autonomia das moradoras. Portanto, o desenvolvimento foi dividido em 5 fases sucessivas: Circulação, marcenaria e marmoraria, mobiliário e eletros, materiais e revestimentos, e por fim, iluminação. Esses elementos, apesar de independentes, se comunicam entre si e permitiram que o projeto avançasse de forma organizada e uniforme, sem a necessidade de retrabalhos.

5.1 CIRCULAÇÃO

A circulação, anteriormente, já foi definida como o alicerce do projeto. É através dela que Letícia encontra conforto e fluidez em cada tarefa no cotidiano, portanto, ela é colocada como a principal prioridade. Foi definido o posicionamento de todos os elementos fixos do apartamento, das paredes internas até os principais volumes da marcenaria, de modo a garantir áreas de manobra adequadas em cada cômodo. Também foram trabalhadas as áreas previamente aprovadas pela moradora, mas que sofreram alterações, por exemplo na cama da suíte master, que a princípio tinha sido desenhada como uma cama arredondada, mas foi trocada por uma cama retangular queen para melhor atender Letícia. Então a partir dessa definição, as paredes do banheiro e a extensão do guarda roupas foram ajustadas.

Grande parte dos fluxos já haviam sido previamente definidos na etapa de definir, com a apresentação dos layouts propostos. Porém, utilizar a primeira instância do desenvolvimento para adequar a circulação às novas ideias, é garantir que a falta de acessibilidade não será um problema nos próximos momentos.

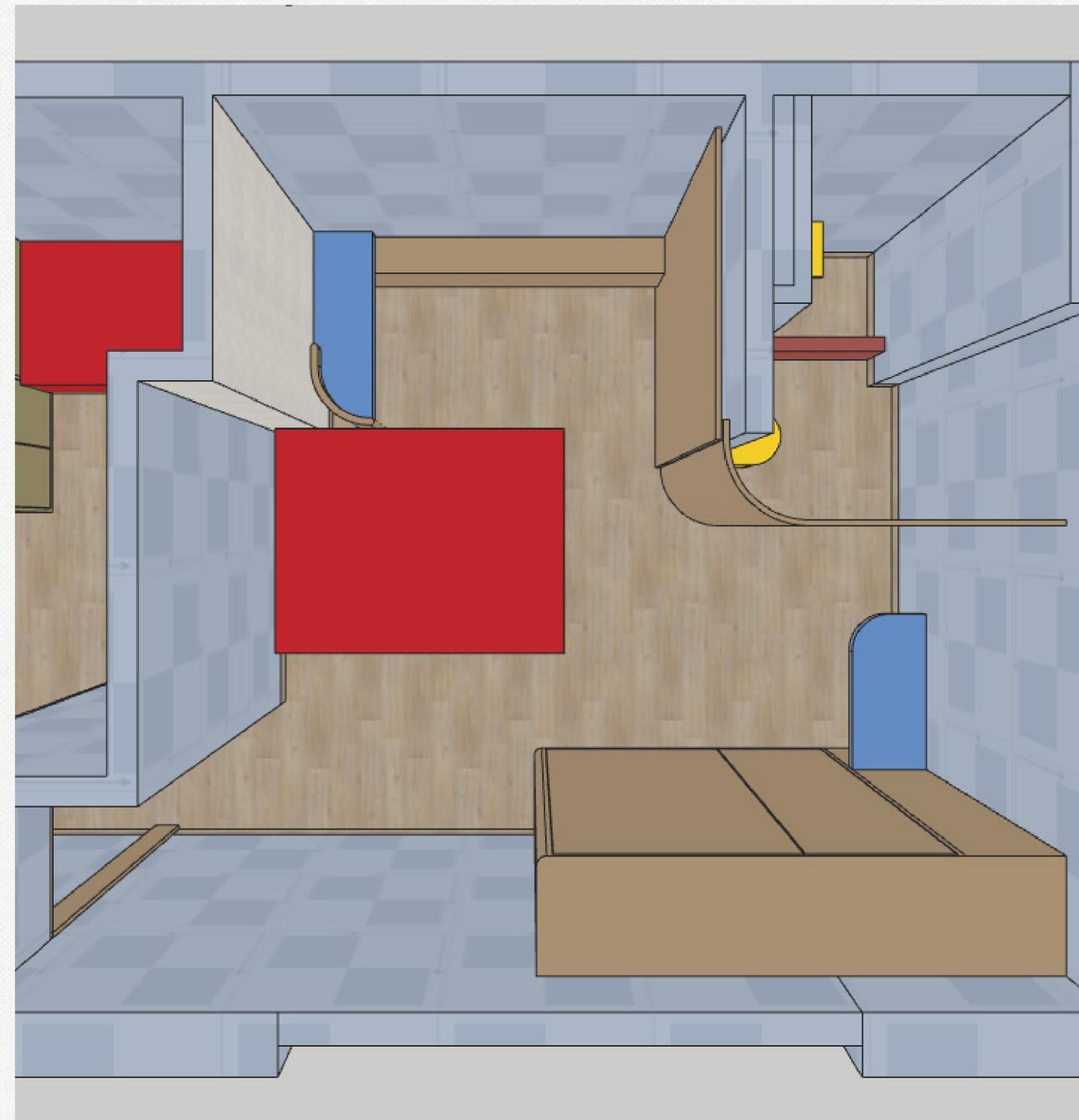


Figura 75. – Captura de tela do SketchUp, ajustes na circulação de acordo com as dimensões da nova cama escolhida.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)



Figura 76. – Representação da pia com porta bipartível aberta.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

5.2 MARCENARIA E MARMORARIA

As pedras e os móveis planejados sucedem a circulação, visto que representam os maiores volumes do apartamento, e também a quantidade de áreas de trabalho, superfícies de apoio e capacidade de estocagem disponíveis. Praticamente todas as atividades realizadas no apartamento receberão apoio da marcenaria e da marmoraria, portanto, elas devem ser destacadas como prioridades na hora de projetar.

Toma-se a cozinha como exemplo. A partir das referências e das diretrizes, a pedra da foi levantada até 75 centímetros, a altura de uma mesa, para que Letícia, ainda sentada, tenha acesso total à todos os elementos por cima da bancada. Os armários estão suspensos em 20 centímetros para que seus pés consigam entrar por baixo da marcenaria, e a aproximação da superfície seja viável, além disso, as portas localizadas em frente a pia foram pensadas com um mecanismo de abertura bipartível, que permite inserção total da cadeira na hora de cuidar da louça.

Foi nessa fase que a linguagem de formas arredondadas foi incorporada como solução para estética e segurança. Optar por cantos curvos em bancadas, painéis e esquadrias não apenas reforçou a identidade do projeto, pela sua repetição em todos os cômodos e com diversas aplicações, mas também eliminou riscos de impacto durante o deslocamento. Este recurso foi levado para o conceito geral do apartamento, e produzido em um conceito coeso e fluido, reforçado pelos elementos circulares presentes em espelhos, prateleiras e até mesmo nas portas de correr da lavanderia.



**Figuras 77, 78 e 79. – Representação de marmoraria, marcenaria e vidraçarias arredondadas.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)**

O uso do quartzito Green Bamboo, em acabamento escovado, trouxe naturalidade, sofisticação, e resistência às superfícies, de forma que pode mascarar as manchas resultantes do contato das rodas em seus veios naturais, e também serve como o toque de cor desejado pela cliente. Os acabamentos escolhidos para os MDFs foram o amadeirado Itapuã (Duratex) e Orvalho (Arauco), e estão presentes lisos, e em ripas arredondadas que reforçam a sensação de aconchego e conversam com o vidro canelado escolhido. As curvas foram novamente protagonistas, e aparecem em cantos arredondados, painéis recortados e portas de armário, garantindo suavidade ao toque e coesão visual. O muxarabi entra como retoque final para conferir comunicação entre os ambientes distintos, e permear a iluminação de forma difusa e confortável.

5.3 MOBILIÁRIO E ELETROS

Com os principais volumes definidos, chegou a hora das peças complementares: a mobília, os eletrodomésticos e os eletrônicos. Esses artigos serão os principais responsáveis por definir as funções de cada ambiente, tornando-os mais funcionais, como através de computadores ou utensílios de cozinha, ou prazerosos, como um sofá cama ou uma poltrona. Os itens selecionados nessa fase conversam com os planejados anteriormente, formas arredondadas e suaves que respeitam o circuito estabelecido na fase de circulação. O sofá retrátil é um pedido da própria Letícia, para comportar as visitas que passam a noite em sua casa sem a necessidade de um quarto de hóspedes. A posição dessa peça é estratégica, pois quando estendida, não compromete o fluxo da cadeira por estar no canto do cômodo. Ademais, o linho off white escolhido traz suavidade ao ambiente fechado, e os pés personalizados em serralheria elevam à altura do assento, e garantem a transição confortável de Letícia entre as peças

A mesa redonda é também uma escolha minuciosa, pois reforça o conceito de formas orgânicas e permite que todas as pessoas sentadas tenham visão um do outro. Os eletrodomésticos foram posicionados de maneira ergonômica, com micro-ondas, forno e cafeteira em altura acessível. Os armários da cozinha foram dispostos de modo a liberar o máximo possível de espaço sob as bancadas, viabilizando a aproximação frontal para o preparo de alimentos.



Figura 80. – Representação do sofá em linho off white e suporte em serralheria elevada, com muxarabi atrás.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

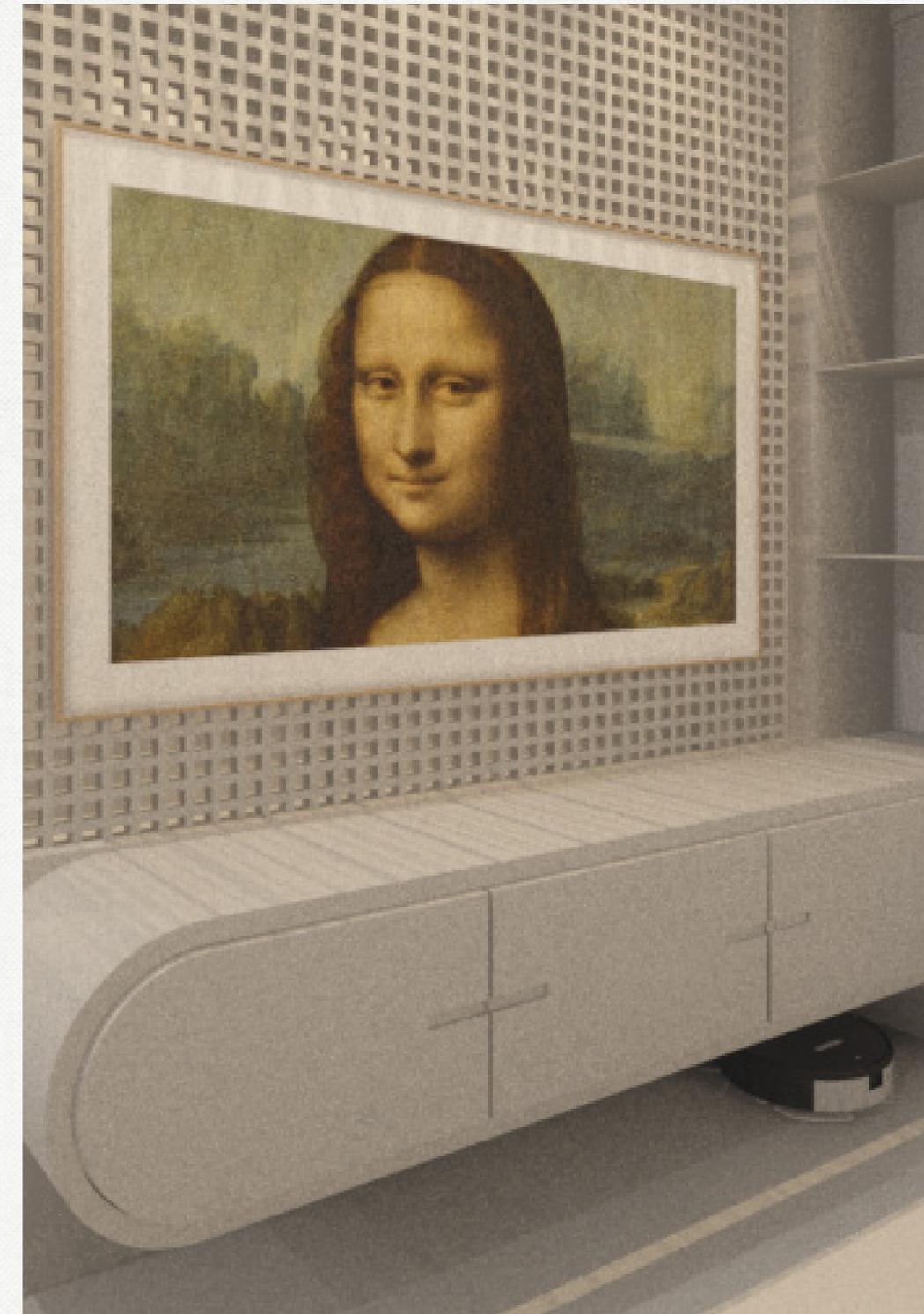


Figura 81. – Representação de eletrônicos na sala, TV frame da Samsung e aspirador de pó robô.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 82. – Representação da transição de ambientes entre a sala e a cozinha, exibindo a mudança de revestimentos.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)



5.4 MATERIAIS E REVESTIMENTOS

Com a aproximação do final, as cores e texturas precisam ser nomeadas. A paginação Espinha de peixe no piso Tauari Boreal, da Triângulo Pisos, confere um caráter sofisticado sem abrir mão do conforto. De forma a setorizar, e otimizar a limpeza das áreas molhadas, a cozinha e a lavanderia abraçam o Neotropical Grey Mix, cerâmica da Portobello, e reforçam um caráter artesanal e acolhedor.

Nas paredes, uma textura de concreto moderna, tingida em verde musgo, confere simultaneamente cor, caráter e textura, enquanto as demais paredes são revestidas por painéis em MDF, ou neutralizadas com a tinta Meditação, da Coral. Os tecidos vão além do sofá, mas também aparecem como papel de parede na suíte master, e em forma de tramas, com a palhinha das cadeiras Bossa, assinadas por Jader Almeida, presentes na mesa de jantar. O porcelanato dos banheiros é mais escuro a pedido de Letícia, e foi escolhido o Nero Clássico da Biancogres, para disfarçar as marcas das rodas da cadeira, e garantir praticidade no dia a dia, sem perder as tonalidades de verde.

5.5 ILUMINAÇÃO

A etapa final traz a iluminação como o elemento de amarra, responsável por conferir caráter de praticidade e conforto aos ambientes. Foi projetada para valorizar elementos especiais, dar destaque às decorações, criar cenários e auxiliar em tarefas minuciosas.

Os mini spots embutidos no forro, posicionados nas extremidades dos espaços, dão enfoque às diferentes texturas de madeira e concreto, e também aos quadros nas paredes, já por cima das prateleiras, eles dão destaque aos objetos decorativos e criam um jogo de luz e sombras pelas prateleiras frisadas. O pendente UFO, acima da mesa de jantar, cria uma atmosfera de isolamento durante as refeições, e permite que as pessoas que ali sentam se conectem em um momento especial. Para atividades que exigem concentração, como usar a tábua de cortes, as fitas de LED embutidas abaixo dos armários garantem iluminação uniforme e segura para evitar acidentes. Acima do sofá, uma luminária de parede articulada permite que a leitura e o trabalho sejam atividades executáveis de forma confortável, um pedido da própria cliente, e é acompanhada pela tela tensionada, que nos outros momentos, confere a uniformidade ideal para relaxamento.



**Figura 83. – Representação da luminária de parede e da tela tensionada, na sala de TV.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)**

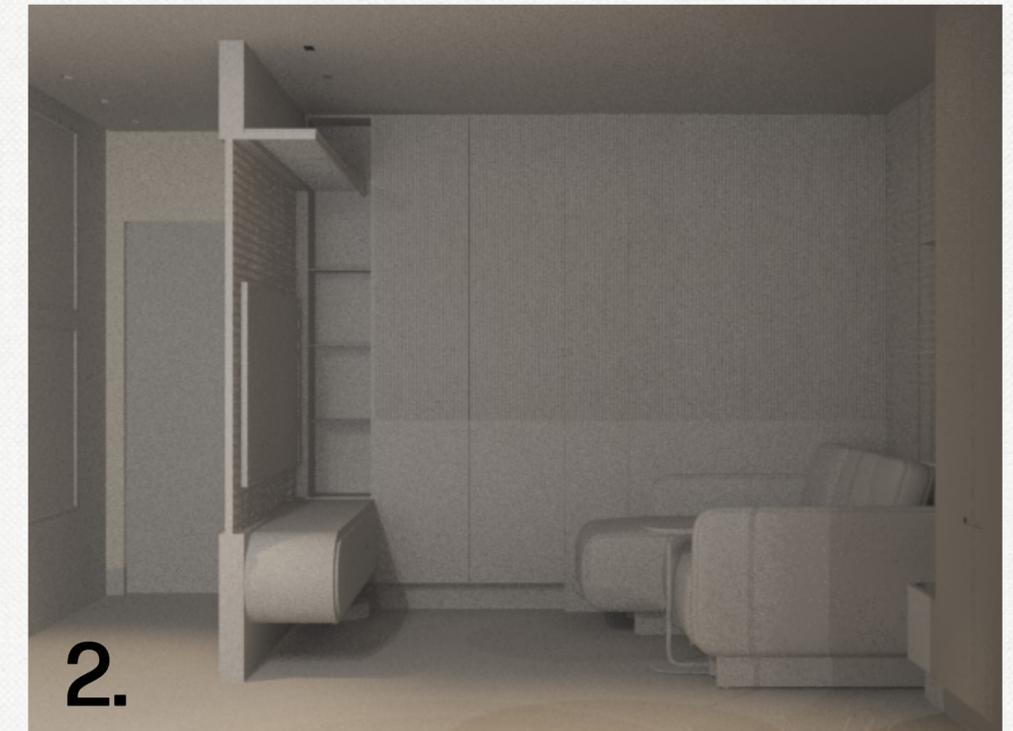
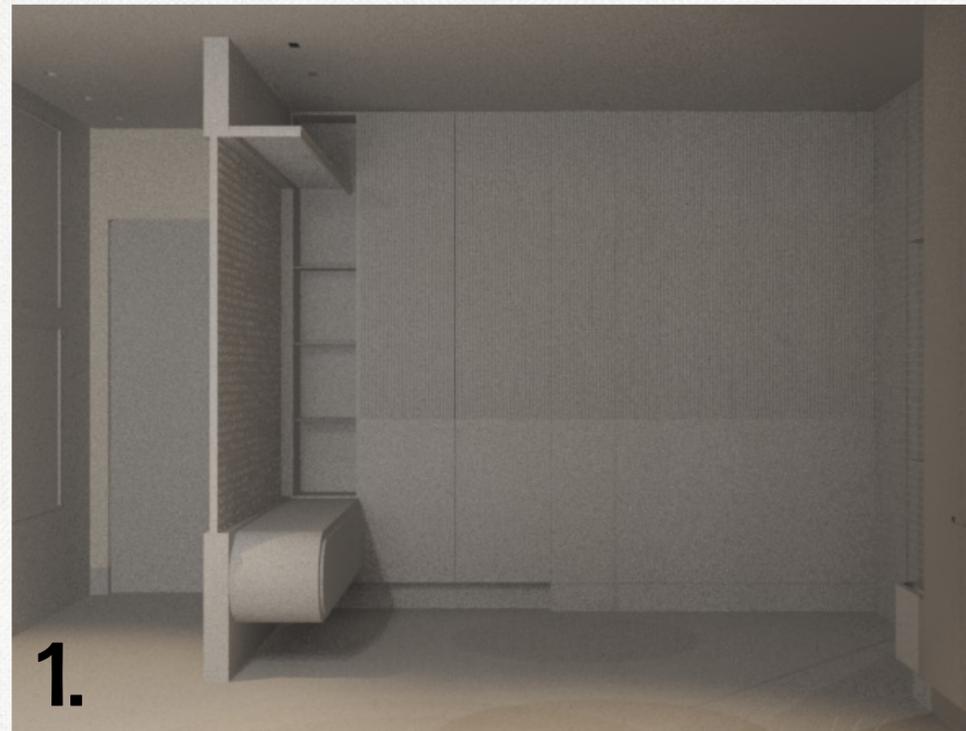
Segue a progressão das 4 fases definidas durante o capítulo:



1. MARCENARIA E MARMORARIA;
2. MOBILIARIO E ELETROS;
3. MATERIAIS E REVESTIMENTOS;
4. ILUMINAÇÃO E DECORAÇÃO.

Figuras 84, 85, 86 e 87 – Progressão projetual da cozinha. Marcenaria e marmoraria, mobília, materiais e iluminação, respectivamente.

1. MARCENARIA E MARMORARIA;
2. MOBILIARIO E ELETROS;
3. MATERIAIS E REVESTIMENTOS;
4. ILUMINAÇÃO E DECORAÇÃO.



Figuras 88, 89, 90 e 91 – Progressão projetual da sala de TV. Marcenaria e marmoraria, mobília, materiais e iluminação, respectivamente. Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

A etapa de desenvolvimento consolidou todas as decisões projetuais em um modelo tridimensional robusto, capaz de representar o apartamento em sua totalidade antes de chegar aos renders finais. Este processo foi fundamental para traduzir as necessidades funcionais e emocionais da moradora em soluções espaciais integradas, equilibrando técnica e sensibilidade.

Com essa etapa finalizada, o projeto se encontra pronto para a fase de entrega, onde serão apresentados os renders humanizados, detalhamentos executivos e soluções técnicas finais, permitindo que o conceito seja materializado com fidelidade ao que foi idealizado.

6. DELIVER

“A entrega envolve testar diferentes soluções em pequena escala, rejeitando aquelas que não funcionam e melhorando aquelas que funcionam.”

“Delivery involves testing out different solutions at small-scale, rejecting those that will not work and improving the ones that will.”

–DESIGN COUNCIL. *The double diamond: a visual representation of the design and innovation process.* [S.l.]: Design Council, 2004-2025. Disponível em: <https://www.designcouncil.org.uk/our-resources/the-double-diamond/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

A etapa final, chamada de entrega, refere-se à consolidação e aplicação das soluções mais adequadas, encontradas nas fases anteriores. Para projetos no design de produtos, esse momento significa o teste do produto em escala real, e o descarte das ideias que se tornaram obsoletas durante o desenvolvimento. No caso do design de interiores, representa a decisão final sobre layout e materialidade, e o aperfeiçoamento dos móveis planejados. O Design Council (S.D) afirma que a entrega garante que as soluções cheguem ao usuário de forma visível, visto que este participou de todas as etapas anteriores.

No contexto deste TCC, essa última etapa corresponde à materialização da proposta projetual, onde o apartamento adaptado será interpretado por completo. Esse momento deve buscar não apenas representar visualmente o apartamento que representa as necessidades funcionais da moradora, mas também demonstrar que o design de interiores é capaz de transformar ambientes que valorizem a qualidade de vida, pertencimento e autonomia a todos os públicos. Este capítulo apresenta também, algumas das pranchas do detalhamento da área social, de circulação, marcenaria e revestimentos.

A escolha do nome AP Átria carrega um significado simbólico, que sintetiza a essência do apartamento. Inspirado nas antigas casas romanas, o termo “átrio” remete ao espaço central da residência, destinado ao convívio, à luz e à entrada de vida no lar. Além disso, a palavra evoca o átrio do coração, que recebe e distribuir o sangue para o corpo, e cria uma metáfora direta com o papel do lar como espaço que acolhe. Assim, o nome AP Átria busca ser o coração pulsante da vida doméstica, promovendo amor para as moradoras.

ENTRADA



Figura 94 – Rrenders em planta da área social
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)



PLANTA A. SOCIAL



JANTAR



Figuras 95 e 96 - Renders da área social. Sala de jantar
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Figuras 97 e 98 - Renders da área social. Sala de jantar e TV
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)





Figuras 99 e 100 - Renders da área social. Sala de TV
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

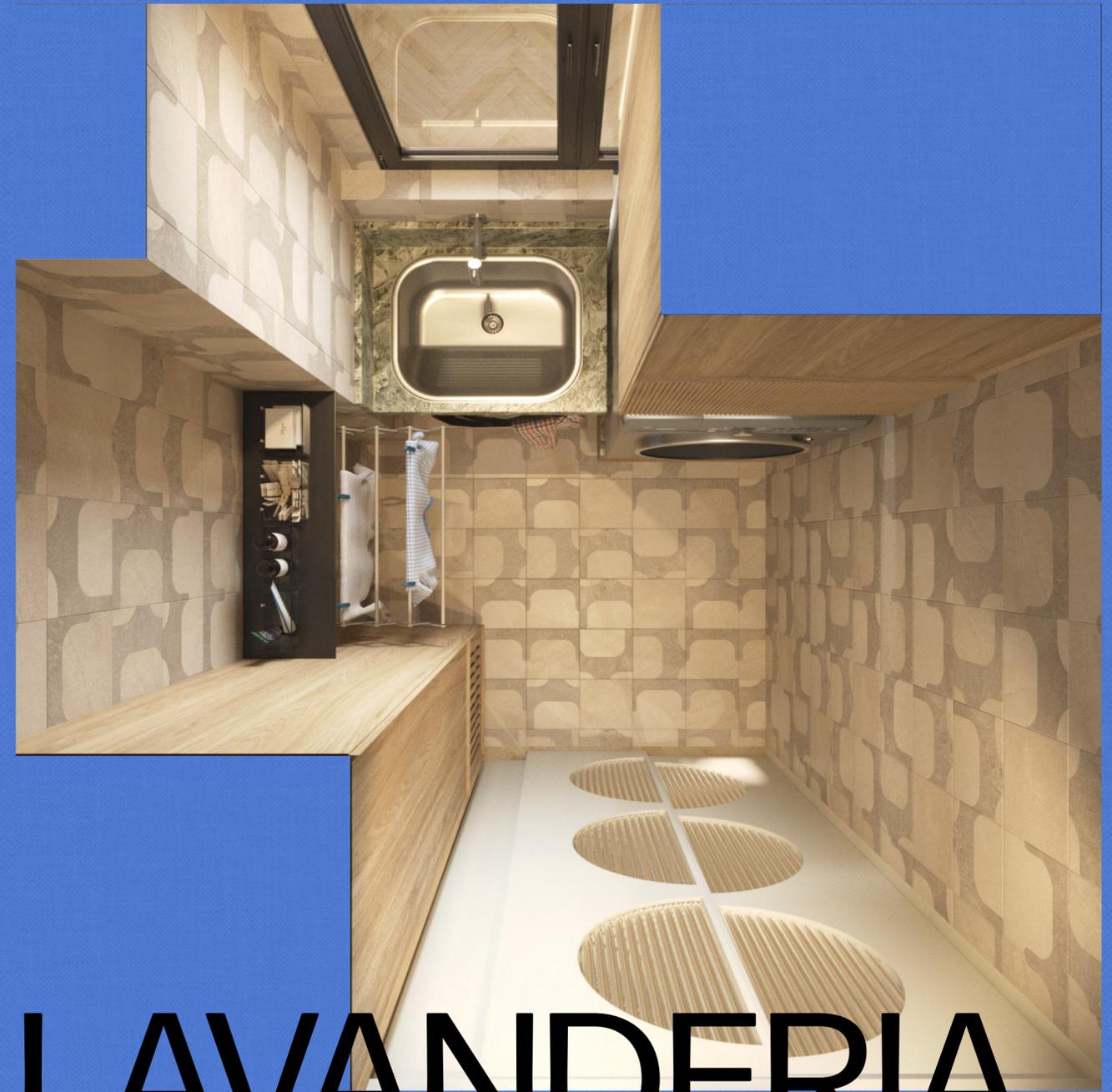


COZINHA



Figuras 103 e 104 - Renders da área social. Cozinha e lavabo
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

LAVABO



LAVANDERIA

Figuras 105 e 106 - Renders da área social. Vista do lavabo e lavanderia em planta
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)



Figuras 107 e 108 - Renders da área social. Lavanderia
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)



CLARISSE

Figuras 109 e 110 - Renders da área social e da área íntima. Detalhe no cesto de roupas da lavanderia e quarto da Clarisse
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)



Figuras 111 e 112 - Renders da área íntima. Quarto da Clarisse
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)



Figuras 113 e 114 - Renders da área íntima. Quarto da Clarisse
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)



Figuras 115 e 116 - Renders da área íntima. Quarto da Clarisse
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)



**Figura 117 - Render da área íntima. Quarto da Clarisse
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)**



LETÍCIA

Figura 118 e 119 - Renders da área íntima. Quarto da Letícia em planta e vista
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)



Figura 120 e 121 - Renders da área íntima. Quarto da Letícia
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)



Figura 122 e 123 - Renders da área íntima. Quarto da Letícia
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)



Figura 124 e 125 - Renders da área íntima. Banheiro da Letícia
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

6.2 DETALHAMENTO

A etapa de detalhamento é fundamental para garantir a compreensão precisa do projeto pelos prestadores de serviço responsáveis pela execução. É através dela que serão registradas todas as escolhas e dimensões ideadas durante as etapas criativas. Nessa fase, buscou-se traduzir as soluções projetuais em plantas e cortes funcionais e esteticamente coerentes, assegurando que o resultado final esteja alinhado às necessidades da usuária e aos princípios de acessibilidade que nortearam todo o desenvolvimento do trabalho.

As pranchas de detalhamento produzidas para este projeto foram selecionadas de forma estratégica, e visam exemplificar, de maneira representativa, uma fração do caderno construtivo completo. A região escolhida como exemplo foi a área social, visto que, para a moradora interagir com as visitas, é importante garantir que as medidas estejam de acordo com as diretrizes projetuais.

Foram desenvolvidos então, o layout humanizado com paginação de piso, dois cortes com detalhes das salas e cozinha, e o detalhamento de marcenaria da lavanderia.

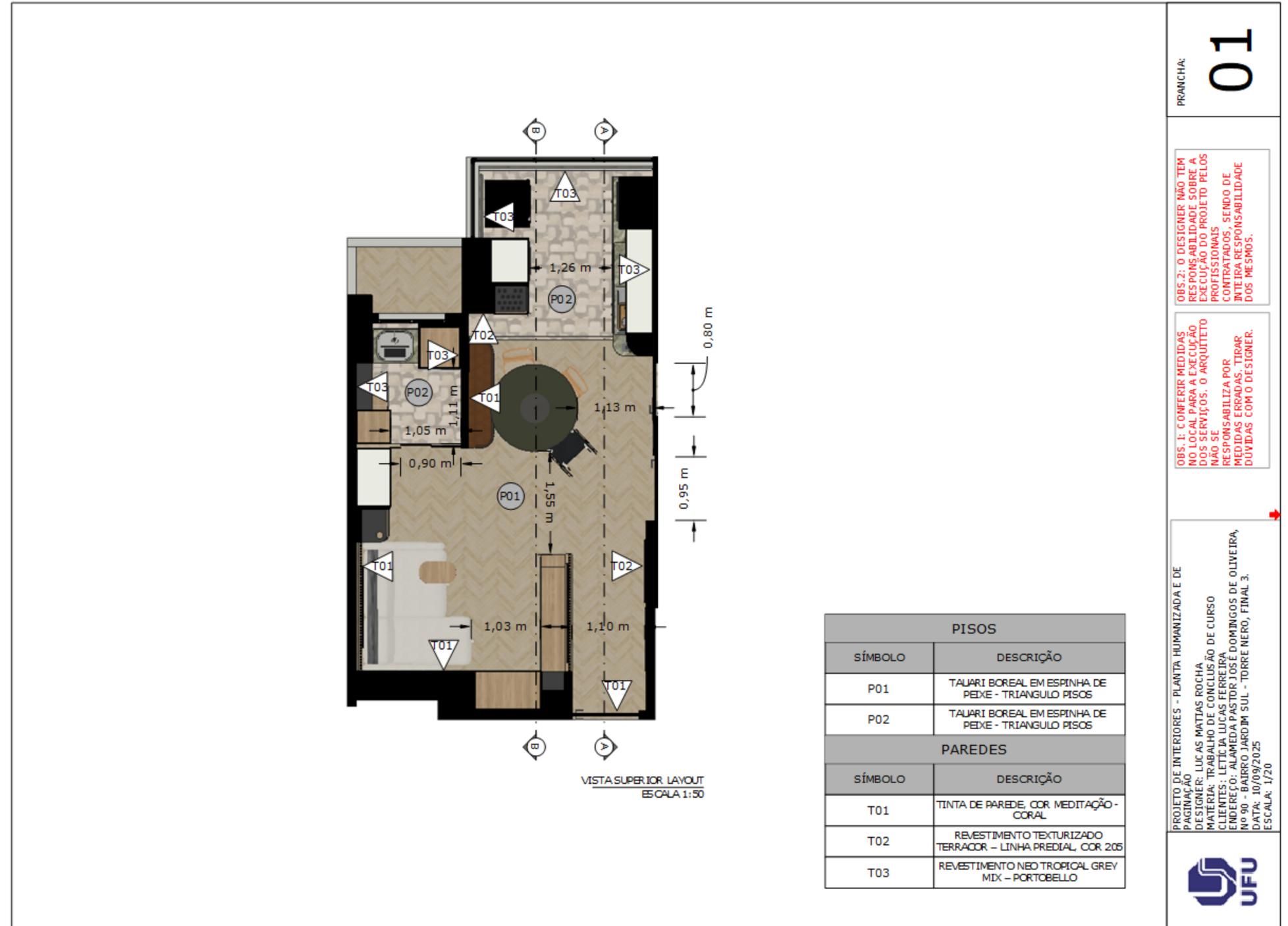
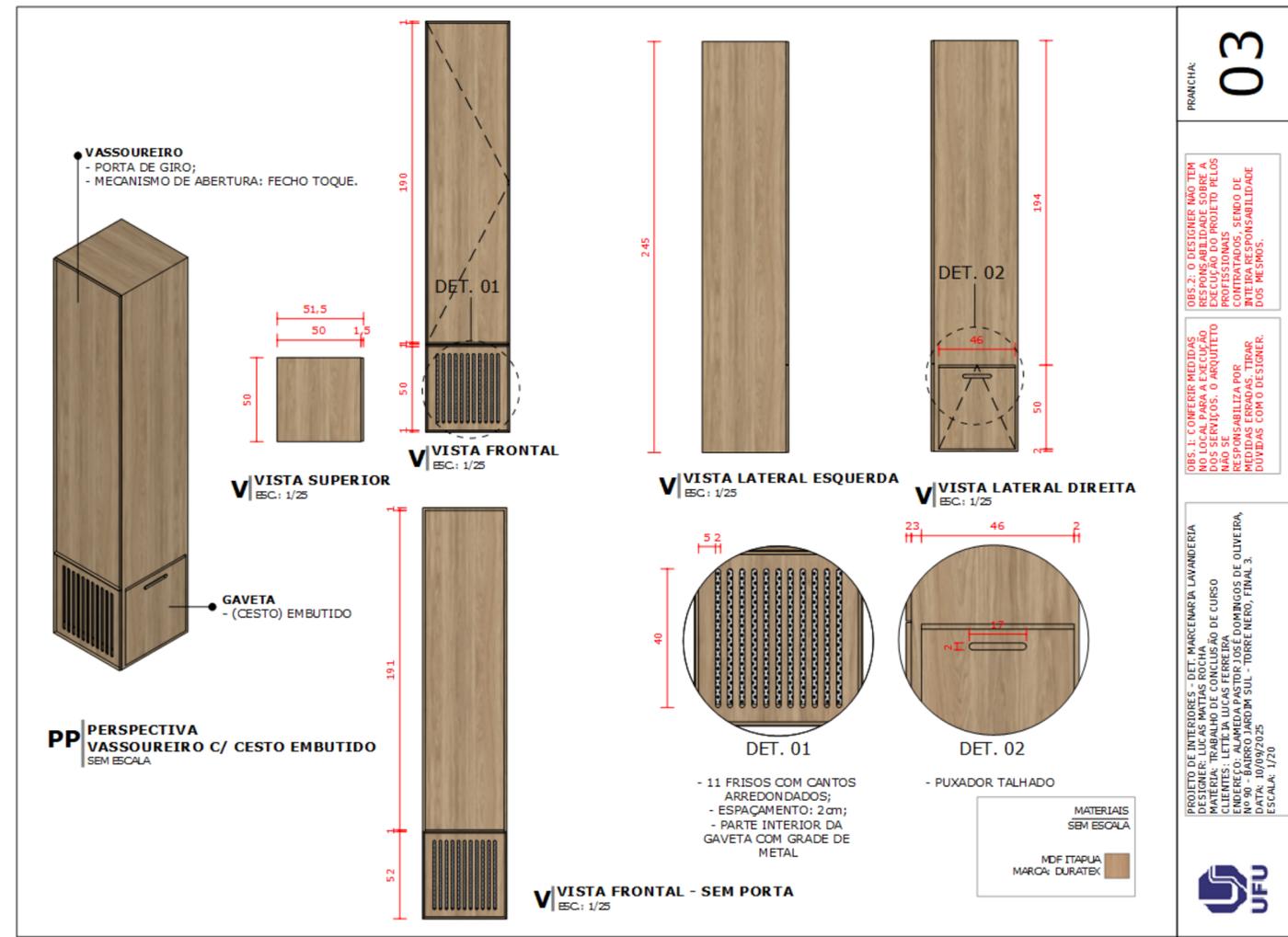
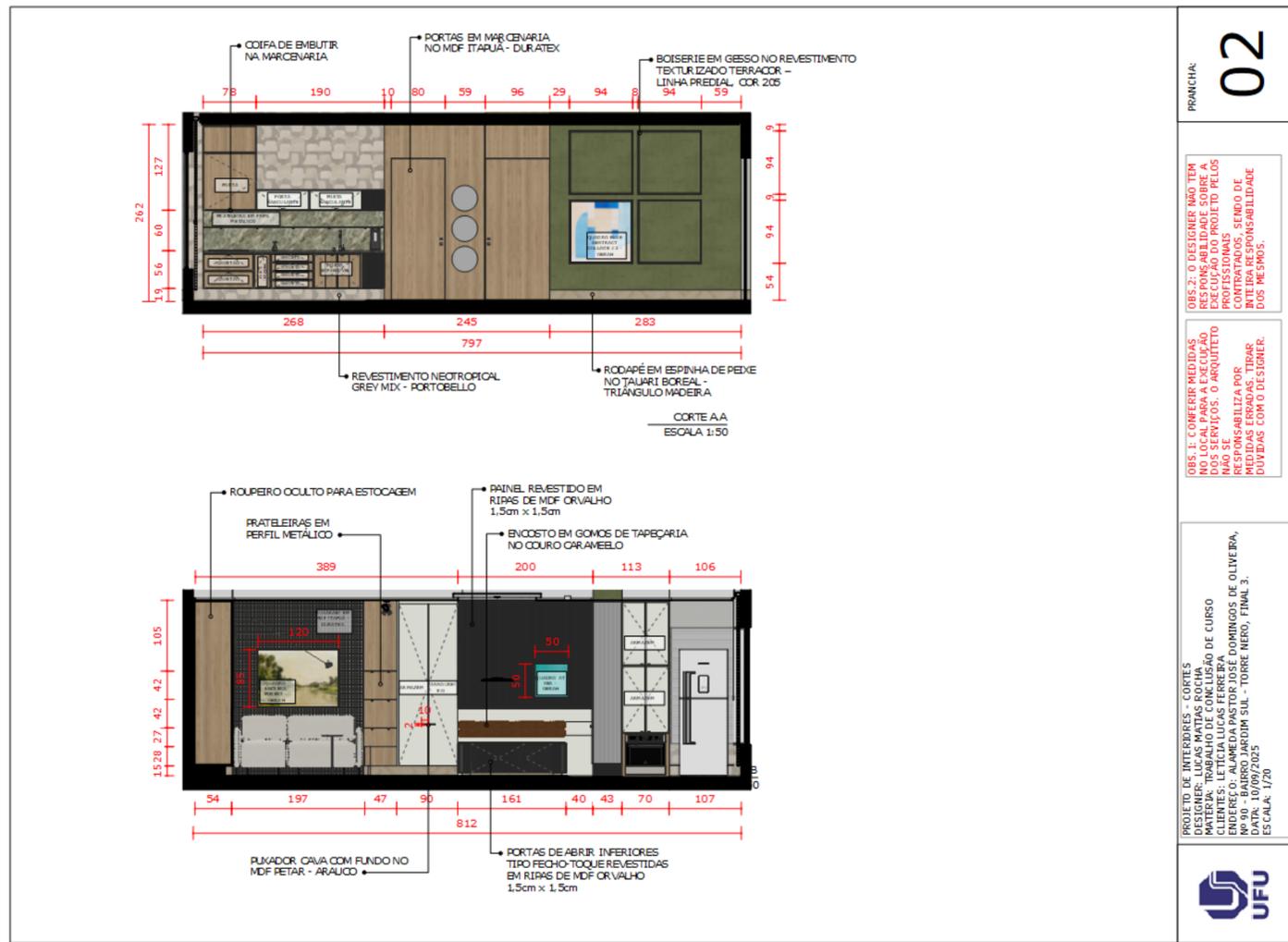


Figura 126 - Prancha de detalhamento no layout. Planta de layout humanizado e paginação de piso.
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)



Figuras 127 e 128 - Pranchas de detalhamento no layout. Cortes da área social e detalhamento de marcenaria.
 Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi, através do design de interiores, reinterpretar um apartamento contemporâneo que, a princípio, não recepciona pessoas cadeirantes da maneira adequada. Através do Double Diamond, e com uma metodologia que centraliza o usuário no projeto, buscou-se desenvolver um projeto interativo e funcional, que atendesse todas as necessidades físicas e psicológicas da cliente definida.

O projeto nasce do desejo de comprovar que design é uma ferramenta de transformação poderosa, capaz de ressignificar espaços segregativos, e fornecer liberdade e autonomia para aqueles que precisam. Ao longo da pesquisa, observou-se o comportamento das edificações urbanas nas últimas décadas, e estudou-se de perto o cotidiano de um indivíduo que vivencia os desafios da falta de acessibilidade. Somadas, essas faculdades traduziram uma habitação que transcende os regimes legais, e atingem um campo de emoções.

As escolhas projetuais foram embasadas nas diretrizes desenhadas durante as fases exploratórias do Duplo Diamante, e são guiadas pelo princípio de criar um lar inspirador, que fugisse dos padrões de projetos acessíveis convencionais, um espaço de acolhimento para corpo e mente.

Em suma, esse trabalho foi além dos âmbitos acadêmicos, e se tornou um posicionamento, um apelo para que o design de interiores seja percebido como a ferramenta de transformação social que é. Ao conceber

uma residência que alia acessibilidade, conforto estético, cognitivo e físico, fica claro que é possível desenhar ambientes que respeitem o espaço da edificação contemporânea, sem limitar as possibilidades de seus mais diversos habitantes.

FIM.

*“CHEGUEI AQUI COMO UM
CORDEIRO, MAS PRETENDO SAIR COMO UM LEÃO.”*

“I CAME IN LIKE A LAMB, BUT I INTEND TO LEAVE LIKE A LION.”

8. REFERÊNCIAS

ADRIANOVERO. Roma Museo Mario Praz [fotografia]. Campo Marzio, Roma, 6 jan. 2009. Flickr, 21 jul. 2012. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/82911286@N03/54761550483>. Acesso em: 06 set. 2025.

ANAWEEGE ARQUITETURA. Perfil no Instagram. Instagram, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/anaweege>. Acesso em: 06 set. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 9050:2020 – Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. 4. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2020. Disponível em: https://drive.prefeitura.sp.gov.br/cidade/swecretarias/upload/NBR9050_20.pdf. Acesso em: 3 set. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, ano 152, n. 127, p. 2, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 06 jul. 2025.

CASA DE VALENTINA. Cobertura duplex acessível – projeto Ana Weege Arquitetura. YouTube, 12 nov. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IMVoFu6sIVQ>. Acesso em: 06 set. 2025.

DESIGN COUNCIL. The double diamond: a visual representation of the design and innovation process. [S.l.]: Design Council, 2004-2025. Disponível em: <https://www.designcouncil.org.uk/our-resources/the-double-diamond/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

DINIZ, Débora. O que é deficiência. Revisão: Ana Terra Mejia Munhoz e Dida Bessana. [S.l.]: Sabotagem, 2010. Disponível em: <https://www.sabotagem.revolt.org>. Acesso em: 27 jul. 2025.

FREITAS, Dander. Apartamento adaptado para cadeirante – projeto de Cazé Arquiteto. YouTube, 21 jan. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fqXgU5HQqM8>. Acesso em: 06 set. 2025.

GAME OF THRONES. Direção: David Benioff; D.B. Weiss. [S.l.]: HBO, 2011-2019. 1 imagem.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2022: Brasil tem 14,4 milhões de pessoas com deficiência. Agência de Notí-

cias IBGE, 06 jun. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43463-censo-2022-brasil-tem-14-4-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia>. Acesso em: 19 jul. 2025.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Paralympic. [S.l.], s.d. Disponível em: <https://www.olympics.com/pt/esportes/paralympic>. Acesso em: 14 set. 2025.

LONGO, Gabrielle Ota. A evolução do conceito de pessoa com deficiência no Brasil. JusBrasil, 2019. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-evolucao-do-conceito-de-pessoa-com-deficiencia-no-brasil/805187010>. Acesso em: 30 ago. 2025.

LOWDERMILK, Travis. Design centrado no usuário. 2. ed. São Paulo: Novatec, 2019.

MARTIN, George R. R. A guerra dos tronos. São Paulo: Suma, 2019.

MENDONÇA, Rafaela Nunes; VILLA, Simone Barbosa. Apartamento mínimo contemporâneo: desenvolvimento do conceito de uso como chave para obtenção de sua qualidade. Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 251–270, out./dez. 2016. DOI: 10.1590/s1678-86212016000400117. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ac/a/PpMkNbPLGGS7dzPKgtJf45d/>. Acesso em: 25 ago. 2025.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 26 jul. 2025.

NEVER TOO SMALL. 1970's Melbourne Tiny Apartment – 35sqm/370sqft. YouTube, 31 jul. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l3yHLikvjPU>. Acesso em: 05 set. 2025.

NEVER TOO SMALL. 23sqm/247sqft Micro Apartment – The Cairo Flat. YouTube, 16 fev. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bA6C7QvTqZQ>. Acesso em: 05 set. 2025.

NEVER TOO SMALL. Fashion Student's Cool Milan Micro Apartment, 21sqm/226sqft. YouTube, 8 maio 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LG_h4zU76c8. Acesso em: 05 set. 2025.

PRAZ, Mario. An illustrated history of interior decoration: from Pompeii to Art Nouveau. 1st pbk. ed. New York: Thames and Hudson, 1994.

RAMESH, Sanjana. Youtube for Architects: Never Too Small. Rethinking The Future (RTF), [S.l.], 3,9 anos atrás (aproximadamente 2021). Disponível em: <https://www.re-thinkingthefuture.com/rtf-architectural-reviews/>

a5544-youtube-for-architects-never-too-small/. Acesso em: 06 set. 2025.

RAMOS, Reginaldo. O encolhimento dos lares: imóveis menores dominam o mercado brasileiro. Jornal da USP no Ar, Rádio USP, São Paulo, 10 mar. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/o-encolhimento-dos-lares-imoveis-menores-dominam-o-mercado-brasileiro/>. Acesso em: 23 jul. 2025.

REDDIT. Falta de acessibilidade deveria ser crime grave. [S.l.], 29 out. 2024. Disponível em: https://www.reddit.com/r/opiniaoimpopular/comments/1gecqv/falta_de_acessibilidade_deveria_ser_crime_grave/. Acesso em: 30 ago. 2025.

REDDIT. Um motorista de Uber viu que minha mãe era... [S.l.], [s.d.]. Disponível em: https://www.reddit.com/r/desabafos/comments/s85cqq/um_motorista_de_uber_viu_que_minha_m%C3%A3e_era/. Acesso em: 30 ago. 2025.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 3. ed. São Paulo: WVA Editora, 2021. (Coleção Ciências Humanas e Sociais).

VALINHOS, Havolene. Mãe cadeirante assiste apresentação da filha em corredor de escola na Praia Grande. Santa Portal, 25 ago. 2024. Disponível em: <https://santaportal.com.br/baixada/mae-cadeirante-assiste-apresentacao-da-filha-em-corredor-de-escola-na-praia-grande/>. Acesso em: 25 ago. 2025.

Anexo 01 - [ENTREVISTA COM LETÍCIA LUCAS](#)

Anexo 02 - [MOODBOARD DE REFERÊNCIAS](#)

